



MAIS GUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

N65 SETEMBRO 2018
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO

ENTREVISTA AO REITOR DA U.MINHO

Rui Vieira de Castro

**"Tenho como objetivo reforçar
o campus de Guimarães"**

MIGUEL MAZEDA

Guel embelezou o Estádio do Rei
com recurso a arte urbana.

MARIA JOÃO COSTA

Entrevista à autora da nova novela
da TVI, "Valor da Vida".

"O GRANDE DESAFIO"

De Chaves a Faro, a pedalar
pela Nacional 02.



**ESPAÇO
GUIMARÃES**

SHOPPING CENTER

PUB



DOMINGOS NO CINEMA

ENTRADA GRATUITA | 11:00

02 SETEMBRO | **Gru, o Maldisposto 3**

07 OUTUBRO | **A Vida Secreta dos Nossos Bichos**

04 NOVEMBRO | **Cantar!**

02 DEZEMBRO | **Ferdinando**

Inscrições no Balcão de Informações no Piso 1.

LET'S
PLAY

130 LOJAS

ESPACOGUIMARAES.PT



EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIO



APÓS AS FÉRIAS CHEGA MAIS UMA EDIÇÃO DE REVISTA MAIS GUIMARÃES.

No mês que marca o regresso às aulas, de entre os muitos temas interessantes deste número, destacamos duas grandes entrevistas: A primeira a Rui Vieira de Castro, Reitor da Universidade do Minho, e depois a Maria João Costa, guionista da novela “Valor da Vida” que em breve vai projetar imagens de Guimarães em horário nobre na televisão nacional.

Fundada no ano de 1973, a Universidade do Minho recebeu os primeiros estudantes no ano letivo de 1975/76. Hoje, a Universidade é reconhecida pela ampla oferta formativa e pela excelência da investigação. Rui Vieira de Castro,

um homem das letras, algo invulgar na liderança da Uminho, assumiu recentemente a reitoria da Universidade que, nos últimos anos, tem procurado estreitar laços com a comunidade e instituições vimaranenses. O Reitor fala-nos do presente e da sua perspetiva sobre a Universidade que lidera.

A vimaranense Maria João Costa dá-nos uma entrevista em exclusivo e fala-nos sobre o seu percurso e “O valor da Vida” a novela que está a ser gravada na cidade-berço e que vai passar em horário nobre na TVI. “Valor da Vida” promete agarrar os portugueses à televisão, com caras

bem conhecidas dos portugueses. Marcello Antony, Thiago Rodrigues, Joana de Verona, Rúben Gomes, Dalila Carmo, Joaquim Horta, Pedro Barroso, Vera Kolodzig, Carolina Kasting ou Isaac Alfaiate, fazem parte do elenco desta nova produção. As imagens de Guimarães, recolhidas sobretudo no seu Centro Histórico, prometem ser mais um motivo de atração para fazer desta mais uma novela de sucesso.

Setembro traz-nos de volta ao trabalho depois de recuperarmos as nossas forças numas merecidas férias. Traz também novidades que em breve apresentaremos.

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaraneses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista “Mais Guimarães” é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista “Mais Guimarães”, é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista “Mais Guimarães” é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo

e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista “Mais Guimarães” compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista “Mais Guimarães” aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista “Mais Guimarães” distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas,

circunscrevendo-se à narração, à relação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista “Mais Guimarães” compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista “Mais Guimarães” considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço
Publicação Periódica Regional, Mensal
Tiragem
5.000 Exemplares
Proprietário
Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.
NIPC 509 699 138
Sede Rua de S. Pedro, N.º 127 - Serzedelo
4765-525 Guimarães
Telefone 917 953 912
Email geral@maisguimaraes.pt
Diretor e Editor
Eliseu de Jesus Neto Sampaio
Registado na Entidade Reguladora Para a Comunicação Social, sob o n.º 126 352
ISSN 2182/9276 **Depósito Legal** n.º 358 810/13

Design Gráfico e Paginação
Mais Guimarães

Impressão e Acabamento
Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.
Travessa Comendador Aberto M. Sousa
Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande
4805-668 Guimarães

Fotografia da Capa
Eduardo Carronda

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as nossas campanhas de publicidade.
Telefone 253 537 250 Telemóvel 917 953 912
Email geral@maisguimaraes.pt
www.maisguimaraes.pt

Avenida D. João IV - 1576 Cv Direito
Urgezes 4810-534 Guimarães



f / MAISGUIMARAES



www.asimobiliaria.pt
918 646 463

44.000€ LORDELO, GUIMARÃES 2 WC 1 52 244	77.500€ SELHO S. CRISTÓVÃO, GUIMARÃES 3 191 493	100.000€ REAL, BRAGA 2 WC 1 107	99.000€ MOREIRA DE CÔNEGOS, GUIMARÃES 2 WC 1 72 450	106.000€ SELHO S. CRISTÓVÃO, GUIMARÃES 4 WC 2 154 844
116.000€ AZUREM, GUIMARÃES 1 98	125.000€ MAXIMINOS, BRAGA 3 WC 2 104	125.000€ SELHO S. JORGE, GUIMARÃES 3 WC 2 126	129.900€ PONTE, GUIMARÃES 3 WC 2 121	135.000€ NESPEREIRA, GUIMARÃES 3 WC 2 132
135.000€ PONTE, GUIMARÃES 2 WC 3 92	139.000€ PONTE, GUIMARÃES 3 WC 2 106	160.000€ AZUREM, GUIMARÃES 4 WC 2 159 220	170.000€ RIO AVE, EM PONTE, GUIMARÃES 3 WC 4 118	185.000€ CANDOSO, GUIMARÃES 4 WC 3 142 200
220.000€ COSTA, GUIMARÃES 4 WC 3 159	225.000€ MOREIRA DE CÔNEGOS, GUIMARÃES 3 WC 4 190 545	270.000€ PINHEIRO, GUIMARÃES 3 WC 3 257 842	270.000€ CENTRO HISTÓRICO DE GUIMARÃES 5 WC 2 228 76	275.000€ SANDE S. LOURENÇO, GUIMARÃES 3 WC 3 165 1180
295.000€ MOREIRA DE CÔNEGOS, GUIMARÃES 3 WC 4 198 866	379.000€ PRAZINS, GUIMARÃES 4 WC 4 234 1125	399.000€ NESPEREIRA, GUIMARÃES 3 WC 4 164 3727	595.000€ CENTRO DE GUIMARÃES 10 WC 5 314 84	695.000€ MESÃO FRIO, GUIMARÃES 4 WC 3 429 1675

9 ANOS DE EXPERIÊNCIA À SUA DISPOSIÇÃO

www.asimobiliaria.pt • www.asluxuryhomes.com

GUIMARÃES

Rua D. João XXI, 311 | 4810-242 Guimarães
918 646 463 | 253 782 123

Visite-nos!

VIZELA
Rua 11 de Julho (Frente à GNR) | 4815-471 São Miguel, Vizela
962 191 318 | 253 566 231

FELGUEIRAS
Praça da Comunidade Lusíada, 50 | 4610-115 Felgueiras
964 937 192 | 255 170 919

N65 | SETEMBRO 2018

COM SINAL MAIS
NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA
ATÉ SI
O QUE DE MAIS
IMPORTANTE ACONTECE NA
CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!





DANÇA ORIENTAL

ACADEMIA SARA SALAZAR CHEGA A GUIMARÃES

FOTOGRAFIA: JOÃO BASTOS

A VIMARANENSE SARA SALAZAR INICIA NO PRESENTE ANO LETIVO O SEU PROJETO EM NOME INDIVIDUAL, APOSTANDO FORTEMENTE NA SUA ESPECIALIDADE: AS DANÇAS ORIENTAIS, EM TODAS AS SUAS DISCIPLINAS E VERTENTES.

A dança oriental em Guimarães prepara-se para partir para outro patamar, com a chegada da Academia Sara Salazar. A abertura do novo espaço está agendada para 17 de setembro, mas, enquanto espera pelo grande momento, a Mais Guimarães conta-lhe tudo que precisa saber sobre o novo projeto.

Sara Salazar teve o seu primeiro contacto com a dança em 2006, mas não com a oriental. Esse surgiu em 2011, com a formação de Dança Oriental no curso profissional da APDV. A partir daqui, nunca mais parou. Coreógrafa e bailarina responsável pelo grupo Shemoves, o qual arrecadou já vários prémios a nível nacional e internacional, começou desde cedo a deixar-se apaixonar pela música: “sempre teve um grande efeito em mim, sinto necessidade de me mexer”, conta Sara Salazar.

A abertura da Academia em Guimarães é mais um objetivo concretizado: “o intuito inicial é dar a conhecer a dança oriental, porque infelizmente as pessoas, mais no norte do país, sabem muito pouco sobre o tema. As pessoas pensam que a dança oriental é só mexer o quadril e vestir um soutien e uma saia. A dança oriental é muito mais que isso. Tem uma grande componente cultural, ligada à fertilidade, à terra e ao ar”, afirma Sara Salazar. Com movi-

mentos muito próprios, a dança é, na opinião da bailarina, vantajosa para o público feminino: “ajuda muito na musculatura, na auto estima da mulher, pois tem movimentos que torna a mulher visivelmente bonita, sensível e sensual”.

Fundadora, docente e co-diretora da Academia Shemoves até 2018, Sara Salazar já levou inúmeras alunas a concursos nacionais, tendo arrecadado inúmeros prémios e distinções.

A abertura da Academia Sara Salazar na cidade de Guimarães está já ao virar da esquina, e as expectativas são as melhores. “As mulheres quando veem esta arte não ficam indiferentes e não resistem. Eu comecei com poucas alunas e conforme fui apresentando resultados, tive sempre procura. Neste momento já tenho cinquenta alunas, muitas delas crianças. Acho que as pessoas vão aderir cada vez mais”, conclui Sara Salazar.

"A DANÇA
ORIENTAL TEM
UMA GRANDE
COMPONENTE
CULTURAL"



/academiasarasalazar



academiasarasalazar@gmail.com

GUIMARÃES ARTE E CULTURA

SETEMBRO 2018



© DIREITOS RESERVADOS

SUAVE FEST

13 A 15 DE SETEMBRO

Largo da Misericórdia

O festival, que vai para a 5.ª edição, é o anúncio de uma nova temporada de festivais.

A MEIO DA NOITE, DE OLGA RORIZ

15 DE SETEMBRO

CCFV

A meio da noite é uma profunda homenagem a Ingmar Bergman, aos atores dos seus filmes e aos intérpretes desta Companhia.



© DIREITOS RESERVADOS

CAMINHADA "PESSOAS DIFERENTES, DIREITOS IGUAIS"

16 DE SETEMBRO

Campo de São Mamede

A APCG - Associação de Paraleisia Cerebral de Guimarães, em colaboração com a Câmara Municipal de Guimarães e o Rotary Club de Guimarães, organizam a XII edição do evento solidário.

GREEN WEEK

DE 20 A 23 DE SETEMBRO

Coreto da Alameda de S. Dâmaso

O festival ambiental visa promover uma maior consciencialização da população para as questões ambientais.



© DIREITOS RESERVADOS

MODS COLLECTIVE MEET CECIL SATARIANO

22 DE SETEMBRO

CCFV - Pequeno Auditório

Depois da apresentação em Valletta 2018 - Capital Europeia da Cultura, o coletivo português faz a estreia nacional do espetáculo "Meet Cecil Satariano", no Centro Cultural de Vila Flor.



© DIREITOS RESERVADOS

X FESTIVAL INTERNACIONAL DE ORGÃO IBÉRICO

22 DE SETEMBRO

Igreja de Santo António dos Capuchos

Um quadro único e homogêneo de temáticas musicais baseadas no órgão ibérico, mas que de facto ultrapassam o mesmo instrumento para atingir uma verdadeira qualidade sinfónica.

FESTIVAL DE OUTONO

26, 27, 28 E 29 DE SETEMBRO

Jardim Campus de Azurém

Música, dança e teatro, num evento a cargo da Universidade do Minho, Rádio Universitária do Minho e Associação Académica da Universidade do Minho.

MOÇAMBIQUE - MALA VOADORA

27 DE SETEMBRO

CCVF - Grande Auditório

Jorge Andrade nasceu em Moçambique e veio para Portugal com quatro anos, mas em "Moçambique" [o espetáculo], constrói uma biografia como se tivesse lá ficado.



© DIREITOS RESERVADOS

JORNADAS EUROPEIAS DO PATRIMÓNIO

28, 29 E 30 DE SETEMBRO

Museu Alberto Sampaio

Em 2018, a iniciativa tem como tema "Partilhar Memórias". Reavivar continuamente a memória é fundamental para que o passado não seja esquecido.



© DIREITOS RESERVADOS



SANTA LUZIA
WHERE ART INSPIRES FLAVOURS

O sabor inspirado pela arte. É com este lema que o Restaurante Santa Luzia prepara cada um dos seus pratos, servidos com o habitual carinho e boa disposição, num local requintado, bem no coração de Guimarães.

A reformulada carta do Restaurante Santa Luzia está pronta para o surpreender. Num ambiente acolhedor, delície-se com a reinvenção de pratos tradicionais da cozinha portuguesa.

Nos pratos de carne, destacamos o Bife de Lombo à Portuguesa, o Confit de Pato, Foie Gras de Batata e Juliana



de Couve Roxa, e ainda o Naco de Maturada na Tábua. No que toca aos pratos de peixe, o destaque vai para a interpretação muito própria do Restaurante Santa Luzia do Bacalhau com Broa e Polvo à Lagareiro. Mas não deixe de provar, entre outros pratos, o Polvo Braseado sobre Puré de Beterraba Amarela e Esponja de Salicórnia e a Paella do Mar.

Durante a semana, ao almoço, aproveite para conhecer o Menu Executivo, com uma ementa completa e variada, capaz de ir ao encontro do gosto de todos os clientes.



FRANCISCO COELHO
DIRETOR DE F&B

"Com esta reformulação o Santa Luzia Art Hotel pretende dar ao nosso cliente uma oferta mais tradicional, reinventando alguns desses pratos. Procuramos permanentemente criar ofertas adequadas ao gosto do cliente, quer no nosso Menu Executivo, ao almoço, quer na nossa oferta de carta e outros produtos, como o Brunch de fim de semana, ou ofertas mais ligeiras, como o Burger Menu, e opções de salada".

INÍCIO DE SETEMBRO SINÓNIMO DE REGRESSO ÀS AULAS

TEXTO: JOANA QUINTAS FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

OS DIAS COMEÇAM A FICAR MAIS CURTOS, AS PRAIAS MAIS VAZIAS E O CHEIRO A LIVROS NOVOS COMEÇA A INVADIR AS CASAS DOS ALUNOS. ESTÁ NA ALTURA DE PREPARAR O REGRESSO À ESCOLA.

Para muitos, será apenas mais uma segunda-feira. Noutros, já se vai sentindo a ansiedade do regresso à rotina escolar. Alunos e pais já terão, por esta altura, os pormenores ultimados: livros e material comprado e tudo pronto para o arranque do ano letivo.

As fases de preparação são diferentes consoante a idade. Para os que ingressam na escola pela primeira vez, ainda crianças, há uma clara ansiedade partilhada. Se para os miúdos se inicia uma fase de descoberta, também para os pais o momento é de nervosismo.

Já os mais velhos, encaram a altura como um regresso ao convívio com os amigos, uma oportunidade para partilhar as experiências das férias. Ainda assim, também nestes casos há situações que

despoletam ansiedade.

No caso de Inês Morais Gonçalves, que vai frequentar o 7.º ano, passa-se isso mesmo: o regresso não implica a adaptação a uma nova instituição, mas ainda assim já existe expectativa.

"A frequência do 7.º ano será na mesma escola, João de Meira, pelo que não implica uma adaptação a uma nova escola. No entanto, houve um pouco de nervosismo devido à integração numa nova turma, uma vez que os colegas optaram por diferentes línguas, como francês ou espanhol, e isso implicou algumas mudanças. Por isso mesmo há alguma ansiedade em termos de conhecer os novos colegas e professores", explicou.

Consciente do trabalho que a escola implica, a Inês Morais Gonçalves apro-

veitou o período de férias para relaxar e passear, mas mesmo assim sem se desligar totalmente daquele que é o universo da aprendizagem.

"As férias foram aproveitadas para relaxar, passear e estar com os amigos e a família, por isso não fiz nenhuma preparação mais específica para o próximo ano letivo, a não ser explorar os novos manuais e ler alguns livros durante as férias", revelou a jovem estudante.

Quanto ao novo ano letivo, agora mesmo prestes a arrancar, as expectativas da Inês são, simplesmente, de que tudo corra pelo melhor: "As expectativas para o próximo ano são as mesmas dos anteriores, espero que tudo corra bem tanto na avaliação como nas relações com colegas e professores", concluiu.

Já numa fase diferente estão os jovens, muitos já em idade adulta, que vão ingressar no ensino superior. Para esses, o panorama é diferente: por esta altura, não há certezas.

O leque de possibilidades é grande e, até as colocações serem oficiais, poucos passos podem ser dados. Desta vez, não há livros para comprar e, mais do que isso, é incerto o destino. Ao contrário do conforto do secundário, a universidade pode trazer deslocações, afastamento da família e adaptação a uma vida "independente".

Muitos procuram o conforto do conhecido, outros vêem-se a arriscar e optam por procurar uma vaga longe de casa e do ambiente já conhecido. No caso de João Silva, o Porto deve ser o destino.

"Esta fase de regresso às aulas, para mim, ainda está a ser muito duvidosa. Sei que pelo menos na zona do Porto, que acaba por ser perto de casa, fico, pois todas as minhas opções são lá e acho que entro numa delas. Decidi optar por Marketing ou Comércio Internacional, ambos no ISCAP (Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto)", admitiu João Silva.

Ainda assim, só as colocações vão permitir a João Silva ter todas as certezas acerca do seu futuro para os próximos anos e, até esse momento, a ansiedade

vai sendo cada vez maior.

"A ansiedade por saber qual será o curso em que ficarei colocado acompanha-me todos os dias. Mas, mesmo com toda a ansiedade, a curiosidade pelo mundo universitário cresce cada vez mais à medida que a data se aproxima. Apesar de tudo, tenciono só me começar a preparar para esta nova etapa assim que saírem as colocações, é a primeira coisa que preciso para poder avançar com o meu futuro!", revelou o futuro estudante universitário.

Já numa idade que permite acarretar

mais responsabilidades, a entrada para a universidade significa o início da reta final da vida de um estudante. Provavelmente, será a última instituição de ensino frequentada e a proximidade com a realidade do mercado de trabalho assume contornos mais carregados à medida que os anos de curso vão passando. Ainda assim, é de olhos postos nesse momento, o da saída, que quase todos entram!

"Sei que vai ser um percurso difícil e de luta, mas tenciono alcançar os meus objetivos, mal posso esperar por começar", concluiu João Silva.

LIVROS E MATERIAL
COMPRADO E
TUDO PRONTO
PARA O ARRANQUE
DO ANO LETIVO?



www.smiity.com
info@smiity.com

1. Instale a APP
2. Ative o Bluetooth
3. Viva a cidade!

SMIITY Smart Interactive cITY
**CIDADES INTELIGENTES
SÃO CIDADES INTERACTIVAS**

Download na
App Store

DISPONÍVEL NO
Google Play

Download Gratuito:

* smiity é a APP que apresenta informação local e contextual através da interação com a tecnologia Apple iBeacon e Google Eddystone.

CULTURA

CAROLINA DESLANDES

UM AMOR PARA A VIDA TODA

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



CANTORA, COMPOSITORA E BLOGGER. CAROLINA DESLANDES É UMA DAS PRINCIPAIS FIGURAS DO PANORAMA MUSICAL PORTUGUÊS, E ATUA NA CIDADE BERÇO.

Aos 18 anos entrou no programa Ídolos. Tirou o curso de Línguas e Literatura na Universidade de Lisboa. Depois estudou Vocals na London Music School, durante seis meses.

Carolina entrou para a música devido a um concerto dos Xutos e Pontapés, onde se virou para o pai e disse "um dia eu quero estar ali em cima". Em dezembro de 2010, ficou em terceiro lugar na quarta

temporada dos da versão portuguesa do Ídolos, mudando definitivamente a sua vida.

Em Agosto de 2017, lançou o single "A Vida Toda", que se tornou um dos temas mais cotados no Top do iTunes português e mais ouvidos no Spotify em Portugal, tendo o respetivo videoclipe publicado no Youtube ultrapassado os oito milhões de visualizações.

Para além de uma voz encantadora, Carolina Deslandes tem também uma relação inspiradora com os dois filhos: Santiago e Benjamim, estando já grávida do terceiro.

Certamente, três fontes de inspiração para as suas bonitas canções, que farão as delícias dos vimaranenses, num concerto marcado para o dia 17 de novembro, pelas 21h30, no Multiusos de Guimarães.



— 17 ANOS DE MULTIUSOS — CAROLINA DESLANDES

MULTIUSOS GUIMARÃES

17 NOVEMBRO - 21H30

BILHETES À VENDA WWW.TICKETLINE.PT | LOCAIS HABITUAIS **RESERVAS** 18 20 (24 HORAS)

PROMOTORES



RÁDIO OFICIAL



PARCEIRO DIGITAL



APOIO



O CAPITALISMO E OS SEUS TANSOS

TEXTO: ESSER JORGE SILVA • FOTOGRAFIA: JOAQUIM LOPES

Há uns anos conheci um grupo de pessoas associadas entre si à volta das festas estudantis vimaranenses, preocupadas com a possibilidade do uso económico da marca “Nicolinas”. Andava por aí alguém a registar marcas do género “I Love Guimarães” e tratava-se de defender mais do que apropriar. Entenderam que a expressão devia ser registada assim zelando contra o seu uso indevido. Tendo-me sido perguntado, dei a minha opinião a esse grupo informando-lhe que não tinha dúvidas das suas boas intenções mas que também não tinha dúvidas que tal registo de marca seria considerado indevido. Atalho a questão porque todos sabem que esse registo de patente, após ter sido feito, foi judicialmente anulado a pedido da Associação dos Velhos Nicolinos. Regozijou-se contra os hereges apropriadores. Envergonhados, os preocupados nicolinos retiraram-se.

Lembrei-me desta questão quando no passado dia 30 de agosto vi a TVI filmando na Praça da Oliveira os motivos Nicolinos, inclusive, o toque tradicional. A imagem tem como objetivo fazer parte do genérico de uma telenovela denominada “Valor da Vida” que, ao que se percebe, incluirá o toque nicolino como som indentificador da trama novelesca. Julgava eu que tal uso seria pago pela TVI. Mas, pessoa informada já me garantiu que não. O uso dos símbolos nicolinos na novela da TVI será gracioso. Trata-se de uma dádiva que alguém excluído do direito de dar se prestou. Uma oferta pela graça de poder oferecer o que não é seu. Não escapa que se trata do um sucumbir ao fetiche de aparecer na televisão. De poder falar e “negociar” com gente de elite. Pessoas adoradas pela imagem captada. Beautiful people quer-se dizer.

Temos então que aos milhões que a TVI faturará à custa do som do toque nicolino, sonega uns bons milhares que, por exemplo, poderiam ajudar ao estudo interpretativo das Festas Nicolinas. Ora, deste modo, começa, desde logo, por

não haver custo algum de direitos de autor durante algum tempo de emissão – uma música de um artista qualquer teria de ser pago. E acaba na publicidade gerada à volta da contribuição do toque e adereços nicolinos. Quanto recebe a Associação do Velhos Nicolinos por tal “empréstimo” de símbolos? Parece que ninguém da Associação se lembrou que a televisão é uma indústria criativa de milhões. Paga a autores, a atores, a realizadores, a escritores, a músicos, a diretores, a secretárias, a eletricitistas, a guionistas, a cameramans, etc., etc... E por isso, com o que cria, introduz nas emissões publicidade paga a peso de ouro. Quanto recebe a Associação do Nicolinos pela divulgação diária do som da Nicolinas? Acaso não se deram conta do meio empresarial com que lidavam?

Ao mesmo tempo que se pode questionar este inenarrável “negócio”, pode-se também explicar as razões porque tal acontece. O provincianismo vem à cabeça. A submissão pacóvia como modo de existir revela-se a todo o momento. O endeusamento dos que trabalham na televisão manifesta-se. A noção de valor pelo que é da terra exprime quão barato se pensa ela ser. A malha mental superficial explana-se na vontade de se ver na TV. A ideia da terra promovida turisticamente engorda o orgulho. Não escapa a ideia de “simpatia” para “gostarem de nós”, “falarem de nós”. Tudo ridículo, antiquado e pacóvio. No fundo há uma palavra que explica isto tudo: a pequenez. Quando a imaginação não vai mais além, atém-se num genérico como se aí residisse toda a noção de privilégio. Trata-se, de todo em todo, do fetiche da televisão agindo sob as mentes. A participação acrítica de umas centenas de pessoas mostra como o ridículo já não envergonha. A insensatez é agora glória. Ser tanso e espoliado dá alegria e satisfação.

As armas que o capitalismo usa para conquistar pela adesão parte do esmagamento da fraqueza. Por vezes esse esmagar ocorre pela simulação de inte-

resse. Funciona segundo a conveniência desinteressada. Neste pensar, a TVI está a fazer um favor às Nicolinas e à cidade de Guimarães. Os espíritos mais incautos – porque também incultos – nem se dão conta da reversão aqui instalada: o credor não recebe e agradece penhoradamente ao devedor que acumula tudo. É nestas contradições simples que o capitalismo floresce. A Associação do Velhos Nicolinos devia pensar nisso antes de se entregar na boca do lobo.

Percebe-se bem esta faceta do capitalismo se atentarmos à seguinte estória: desde que os sacos de plástico passaram a ser adquiridos que estou em luta contra os profissionais das caixas do hipermercado Continente. O motivo é simples: sempre que incluo um desses sacos nas minhas compras, o zeloso funcionário sarrabisca-o antes de me entregar. Recuso sempre esse produto, esteticamente destruído sem motivo. Porque o faz? Ah porque é assim!, respondem. De Guimarães ao Algarve, passando por Coimbra e Lisboa, já expliquei umas centenas de vezes que não é aceitável que se estrague um artigo antes de o entregar ao cliente. Inclusive já perguntei a alguns caixas se o seu ato me autoriza a sarrabiscar embalagens e produtos a torto e a direito sem ser punido no final. Os funcionários argumentam que são ordens dos seus chefes. Pergunto-lhes por que razão não fazem chegar ao chefe a informação de que uma marca como o Continente não pode, em nenhuma circunstância, violar leis e regras apenas porque lhe dá jeito. Encolhem os ombros. Percebo: a via do capitalismo submeteu o funcionário à condição de “coisa”. E o trabalhador, aceitando submeter-se, já não quer ser pessoa. É uma coisa.

Os zelosos nicolinos que se esfalfam de bater no peito, de tanta paixão pela terra e os seus símbolos, que pensem até que ponto se lhes assiste o direito de delapidar receitas, geradas pelo património, desta forma ignóbil.

Esser Jorge Silva Sociólogo



10

MOTIVOS PARA TRABALHAR NA RE/MAX VITÓRIA



GUIMARÃES - SANTO TIRSO - TROFA

1

SOMOS UMA EQUIPA DE VITORIOSOS

Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és. Com staff que apoia, que ajuda a vencer.

2

EQUIPA COESA, JOVEM E DINÂMICA

Temos ideias fora da caixa, fazemos festas divertidas. Adoramos trabalhar com seriedade e competir de forma saudável.

3

EQUIPA PREMIADA

Os consultores RE/MAX Vitória ganham prémios. Há grande entreajuda, aprendemos com os melhores.

4

FORMAÇÃO CONTÍNUA E ESTIMULANTE

Temos a melhor formação e o acompanhamento dos diretores comerciais. Reunimo-nos periodicamente para aprender a fazer melhor.

5

UM LUGAR PARA CRESCER COM LIBERDADE

Na RE/MAX Vitória trabalhamos com liberdade, e com método, com tudo o necessário para vencer.

6

LOCALIZAÇÃO TOP

Usufruímos de uma localização privilegiada, nas melhores vias em Guimarães, Santo Tirso e Trofa.

7

CONTROLO DOS RESULTADOS

É cada consultor quem decide o seu horário e o seu ordenado. Podem sempre chegar mais longe.

8

COMPETIÇÃO SAUDÁVEL

São-nos colocados desafios com prémios acrescidos. Ganhamos quando somos os melhores e quando trabalhamos em equipa.

9

O NOSO LÍDER E BROKER

Filipe Carvalho é descrito pelos Vitoriosos como um líder inspirador. Podes contar com ele, sempre.

10

A MARCA LÍDER RE/MAX

Fazemos parte de uma marca que tem uma imagem de excelência e confiança por parte do consumidor.



Contacte-nos, Estamos a Recrutar Vitoriosos: 253 421 390
rh.vitoria@remax.pt

ANA PAULA MARQUES LANÇA UMA LUZ SOBRE O UNIVERSO DAS EMPRESAS FAMILIARES

TEXTO E FOTOGRAFIA: RUI DIAS



As empresas familiares têm uma enorme importância para Portugal e para a Europa. Estas contribuem significativamente para a criação de riqueza e emprego, mostrando-se particularmente resilientes em tempos de crise. Apesar desta importância reconhecida, as empresas familiares são uma realidade pouco estudada. Ana Paula Marques propôs-se criar uma base de dados dos tipos e segmentos de famílias empresariais, avaliar o impacto destas empresas na economia e divulgar estes resultados. São os resultados deste trabalho que a investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho apresentará no próximo dia 19, em Guimarães.

Como nasceu a ideia do Roadmap para as empresas familiares?

Usámos a palavra Roadmap, podíamos ter traduzido para mapeamento. A verdade é que a primeira candidatura foi feita a um projeto da União Europeia [UE], sobre PME's. O objetivo era saber, ao nível da UE, quantas eram as empresas familiares. Em Portugal é uma realidade pouco falada. Este é um pro-

jeto que está a ser realizado no âmbito das ciências sociais, mas mesmo os meus colegas das áreas da gestão e da economia pouco têm falado sobre esta realidade. Para falar sobre as empresas familiares é preciso conhecê-las.

Com que referências partiram para esta análise?

Poucos estudos se referem de uma forma sistemática à quantidade de PME's que são realmente empresas familiares. A única informação de que dispúnhamos era a estimativa apresentada pela Associação de Empresas Familiares.

Este problema é português ou é comum aos outros Estados da UE?

Quando preparámos a candidatura verificámos que esta era uma preocupação comum aos outros Estados Membros. Havia estimativas, como em Portugal, mas desconhecia-se concretamente o peso deste tipo de empresas na economia, aos diversos níveis. A UE, com este estudo, queria precisamente pressionar os Estados a elaborar um indicador fiável para medir esta realidade.

Há alguma razão objetiva para esta desatenção sobre a problemática?

As empresas familiares são objeto de estudo, sobretudo, pela área do direito, já que, uma das questões que se colocam com particular frequência é a sucessão. Um dos estudos conhecidos sobre empresas familiares foi publicado, já em 2010, pela Associação Empresarial de Portugal, era o "Livro Branco para a Sucessão Empresarial".

Como é que se caracteriza uma empresa familiar?

Tivemos desde logo de estabilizar esse conceito de empresa familiar, que não é consensual. Usámos uma definição de um grupo de peritos da UE, que publicou um relatório sobre este tema em 2009. Há quatro elementos fundamentais para dizermos que estamos na presença de uma empresa familiar: se a maior parte das decisões for feita pelo fundador ou pelos seus descendentes diretos, ou indiretos; se a maioria das decisões é tomada por processo direto ou indireto; quando um dos familiares está envolvido na gestão, nomeada-

mente pela presença do fundador e de descendentes na administração; e finalmente a detenção do capital. Nesta definição cabem realidades muito diferentes, desde micro empresas até grandes grupos económicos e, sobretudo, grupos que se formam a partir de uma empresa inicial.

O estudo concentra-se no norte de Portugal. Não seria interessante alargar o estudo ao país?

Foi uma questão de oportunidade. Embora a UE já esteja alerta para este problema, por questões de tempo não podemos concorrer ao programa COSME, para a competitividade das empresas. Surgiu então um programa no âmbito da CCDR-N, ligado ao eixo qualificar e a ideia inicial foi adaptada, mas com o objetivo, desde o início de criar um efeito de arrastamento para a análise do todo nacional.

"ALGO QUE CONSEGUIMOS PERCEBER, PRINCIPALMENTE NAS ENTREVISTAS, FOI A RÁPIDA TRANSFORMAÇÃO DO PERFIL DO EMPRESÁRIO. AS SEGUNDAS E TERCEIRAS GERAÇÕES ESTÃO A ASSUMIR A GESTÃO E VEEM COM ELEVADO GRAU DE FORMAÇÃO"

Quais foram as dificuldades que encontraram na implementação deste projeto?

Desde logo, pela orgânica do projeto não foi possível incluir outros membros da universidade. Mas a maior dificuldade foi entrar nas empresas e obter respostas. Queríamos obter um número robusto, conseguimos mapear 41 mil e quinhentas empresas familiares no norte. Este mapeamento é único para a realidade das empresas familiares. Trata-se de uma base de dados de identificação, com alguns indicadores de evolução económica que necessitam de atualização anual. Desta base de dados foi retirada uma amostra de



1.148 empresas a que foi aplicado um questionário. Destes questionários, só 400 é que foram obtidos online, os outros implicaram ir bater à porta das empresas, deixar o questionário, voltar para recolher.

Que expectativas é que se verificaram e o que é que foi mais surpreendente?

A literatura diz-nos que o que torna as empresas familiares singulares são os conflitos. Desde logo porque o sucesso da família, ou das famílias, depende do sucesso da empresa. Esperava ter mais evidências sobre esta exigência adicional de uma empresa deste género. Porém, quando fazemos um questionário, temos que sacrificar alguma informação. Algo que conseguimos perceber, principalmente nas entrevistas, foi a rápida transformação do perfil do empresário. As segundas e terceiras gerações estão a assumir a gestão e veem com elevado grau de formação.

O Roadmap para as Empresas Familiares contemplou também uma série de workshops. Qual foi o objetivo destas sessões e o que é que daqui resultou?

Desde logo tratava-se de motivar os empresários para o interesse do estudo e para a necessidade de preencher os questionários. Foram oito workshops, um por cada uma das NUTS III da região norte. Foi nestas sessões que se levantaram problemas que se colocam atualmente a estas empresas. Desde logo as dificuldades e as barreiras que os jovens que regressam às empresas familiares, com outra formação, outras vivências e experiências encontram, a questão da liderança no feminino. Uma coisa que também me surpreendeu foi a importância que se dá nestas empresas a questões como a qualidade, a

certificação ou a adaptação à economia digital, não seria justa se não referisse isso.

O ponto alto deste projeto é a apresentação dos resultados, que vai acontecer na Plataforma das Artes, em Guimarães, no próximo dia 19 de setembro. A quem é que este seminário internacional se dirige e o que é que lá vai acontecer?

Este projeto está a ser desenvolvido pelo Centro de Investigação Interdisciplinar em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, em copromoção com a Associação Empresarial de Portugal. A Câmara Municipal de Guimarães junta-se ao projeto para este seminário de apresentação de resultados, na Plataforma das Artes. No Seminário – Mapeamento, Profissionalização e Inovação, além da apresentação dos resultados deste trabalho, terão lugar diversas sessões com temas que podem interessar a empresários, autarcas e, claro, académicos. Teremos o professor Manuel Bermejo, a falar sobre "governança" das empresas familiares, sessões sobre internacionalização, financiamento e redes, gestão de conflitos e comunicação e sobre sucessão e liderança da propriedade. Estas sessões ocuparão a manhã. A tarde será dedicada à apresentação dos resultados e à sua discussão numa mesa redonda com José Paulo Esperança, diretor do ISCTE, Ester Silva, vice-presidente da CCDR-N e Manuel Carvalho da Silva, diretor do Observatório sobre Crises e Alternativas do CES – UC. Encerram os trabalhos o presidente da AEP, o reitor da UMinho, os presidentes das câmaras municipais de Braga e Guimarães e a secretária de Estado da indústria, Ana Teresa Lehman.

CARTÕES DE CRÉDITO E DE DÉBITO CONTACTLESS SÃO SEGUROS?

FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

Basta aproximar um cartão de débito e de crédito com tecnologia contactless a uns centímetros de um terminal de pagamento adaptado para efetuar uma transação. O código pessoal é desnecessário. Se a distância for superior, é praticamente impossível fazer o pagamento. Mas é muito provável que já tenha nas mãos um cartão destes sem o saber. Em geral, ele é identificável por ter, do lado direito, um desenho com várias ondas em sequência, como um sinal de radar.

Em Portugal, muitos consumidores recebem esta funcionalidade e desconhecem-na. Seja por distração, seja porque o gestor de conta não os avisa de que lhes estão a dar um cartão com esta tecnologia, a verdade é que podem ter nas mãos um produto que não escolheram.

O Banco de Portugal quer que os bancos informem os clientes sobre as condições de utilização dos cartões de crédito e débito contactless, nomeadamente acerca dos limites dos pagamentos sem utilização do PIN. Os clientes devem ser informados, quer já tenham um cartão com estas características, quer recebam um novo por substituição do antigo. Estes alertas devem ser enviados em papel ou noutro suporte duradouro. Mas instituições como o Banco Popular, o BBVA, o Best Bank e o Banco CTT não lhe garantem opção, ou seja, se não quiser ter um cartão com tecnologia contactless nas mãos, ou o aceita... ou o aceita.

O Abanca, o Banco BiG, o Deutsche Bank, o Atlântico Europa e o Bankinter não oferecem cartões com esta tecnologia.

Mas como funciona? Cada transação sem PIN tem o limite de 20 euros. Além disso, há um valor máximo de

transações sem PIN. Em regra, são €60, independentemente do período decorrido entre as mesmas. Ultrapassado este limite, o cliente só pode voltar a efetuar pagamentos contactless depois de realizar uma operação num terminal de pagamento ou numa caixa automática com o código PIN. Por segurança, o sistema pode solicitar o PIN mesmo que não tenha ultrapassado o limite.

Com um cartão contactless consegue na mesma fazer pagamentos superiores a €20, mas terá sempre de introduzir o PIN. Se preferir, pode usá-lo como um cartão normal, introduzindo-o no terminal de pagamento e digitando o código. Pode até utilizá-lo em terminais de pagamento que não têm esta tecnologia. Novamente, terá de introduzir o PIN para validar a operação.

Apesar de esta ser uma solução prática, é importante estar atento, pois existem alguns riscos associados. Algumas apps de telemóvel, gratuitas e simples de descarregar, permitem ler os dados do cartão contactless, exibindo o nome do portador, o número e os movimentos efetuados nesse dia.

Se estiver num transporte público cheio, não é impossível que alguém com um telemóvel que tenha esta app instalada lhe consiga, se estiver muito próximo, sacar os dados do cartão. Recomenda-se prudência, alguma distância – embora seja necessária uma grande proximidade do telemóvel com uma destas apps instaladas – e talvez transportar o cartão numa carteira de alumínio, para melhor o isolar. Outras associações de consumidores europeias alertaram para os riscos de roubo de dados dos cartões contactless através destas apps. As instituições bancárias defendem que a tecnologia contactless é mais cómoda



e evita a entrega do cartão ao comerciante. Nestas situações, tal como nas restantes, a lei obriga as instituições a garantirem a segurança dos cartões e dos terminais. Qualquer situação que considere anómala deve ser comunicada de imediato ao emissor do cartão, pois, a partir desse momento, o consumidor deixa de ter responsabilidades sobre eventuais utilizações abusivas.

Antes da comunicação, a responsabilidade do cliente fica limitada a 150 euros. Alguns cartões de crédito incluem também um seguro contra utilizações fraudulentas. Verifique se é o caso do seu. Se, mesmo assim, não ficar convencido, pode sempre recusar o cartão novo e optar por uma versão que recorra à tecnologia antiga.

Assim, a DECO exige mais informação aos bancos, e a possibilidade de o consumidor optar entre ter esta funcionalidade inserida no cartão ou não. A maioria dos bancos permite a escolha. Mas, atendendo também aos riscos desta tecnologia, vamos pedir ao Bando de Portugal que imponha aos bancos a liberdade de opção dos consumidores.

Se tiver alguma dúvida ou necessitar de esclarecimentos adicionais poderá contactar-nos na Av. Batalhão Caçadores 9, em Viana do Castelo, através do telefone 258 821 083 ou para deco.minho@deco.pt.



ADRIANO CARVALHO
Consultor imobiliário

QUER VENDER, FALE COM QUEM TEM RESULTADOS!



**OBRIGADO
+1 IMÓVEL VENDIDO**

Siga o exemplo destes clientes na altura de querer vender a sua casa!

Em meu nome e da minha esposa, agradecemos toda a dedicação, o empenho e o compromisso do agente imobiliário Adriano Carvalho, que não mediu esforços para concretizar o objetivo que era vender a nossa casa em Guimarães.

Tivemos um ótimo atendimento e acompanhamento durante todo o processo, bem como a sua negociação.

Temos a certeza que fizemos um bom negócio, graças à seriedade e transparência desta fantástica equipa imobiliária.

O nosso muito obrigado e continuação de excelentes negócios!

José Luís e Patrícia

PROCURO IMÓVEIS PARA VENDA IMEDIATA

Sr. Proprietário, como já se deve ter apercebido, o mercado imobiliário tem tido um forte crescimento, e como tal existe uma procura muito superior à oferta.

Face ao crescente valor médio por m² de habitação esta é uma boa altura para vender o seu imóvel.

Caso esteja a pensar em vender o seu, não hesite em me ligar.

Terei todo gosto em lhe apresentar um estudo de mercado para que possa ponderar a venda do seu imóvel.

961 518 109

afcarvalho@remax.pt



AS CRIANÇAS PRECISAM DE BRINCAR E... NÃO TÊM TEMPO PARA ISSO!

TEXTO: HELENA PEREIRA • FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

Recorda-se, quando era criança, da sua noção do tempo diário? Quanto tempo tinha para brincar? A maior parte de nós, adultos, recordar-se-á de um tempo significativo entre a saída das atividades escolares e a hora de jantar... E como era passado esse tempo? Entre trabalhos de casa e muitas, muitas horas de brincadeira. Os tempos mudaram, as famílias mudaram e hoje vivemos num contra-relógio, assoberbados por tarefas e horários que nos fazem ter pouco tempo, cada vez menos tempo de qualidade para e com as nossas crianças. Elas próprias vivem mergulhadas entre as exigências dos tempos letivos, as atividades extracurriculares e as obrigações escolares, transformadas em verdadeiras “crianças trabalhadoras”! Para muitas famílias o tempo de brincar, livre de obrigações e onde a criança pode dar aso à sua imaginação, resume-se, na maioria das vezes, a um curto espaço de tempo antes do jantar.

Mas qual a importância do brincar? Brincar é essencial para o desenvolvimento global da criança, favorecendo a sua vertente física, emocional, social e cognitiva. Por estranho que possa parecer, ao condicionarmos o tempo livre para brincar, estamos a inibir que a criança desenvolva todo o seu potencial. O jogo e a brincadeira, para além de formas de divertimento para

a criança, são um importante veículo para que experiencie diferentes papéis, expresse os seus sentimentos, desenvolva capacidades cognitivas e aprenda a “ser” e a “estar”, competências essenciais para que se adapte positivamente às diferentes circunstâncias do dia-a-dia, nomeadamente às exigências escolares.

Podemos então dividir a importância do brincar em quatro áreas fundamentais: auto e hetero conhecimento; socialização; desenvolvimento emocional e desenvolvimento cognitivo. Brincar é a ação que a criança executa para se autoconhecer e para conhecer o mundo que a rodeia, é uma necessidade que observamos desde muito cedo quando os bebés tentam interagir com o seu mundo social, com os brinquedos e com o seu próprio corpo (quantas vezes os “apanhamos” deliciados com as suas próprias mãos?). Brincar é uma forma de entendimento do mundo, e uma forma de comunicação, por isso é um processo que contribui para o crescimento. Por exemplo, uma criança que brinca ao faz-de-conta experiencia diferentes papéis, adquire novas competências sociais, sente-se encorajada a resolver problemas do seu quotidiano e a apropriar-se da linguagem para se conseguir relacionar. Por outro lado, brincar em grupo proporciona o entendimento do cum-

primento de regras, da importância do respeito pelo outro e da experimentação de diferentes sentimentos. Neste sentido, a criança desenvolve importantes competências emocionais, nomeadamente na situação de jogo, ao experienciar a frustração, uma das emoções mais difíceis de aprender a expressar e a gerir, e que é inerente a inúmeras situações que vive no seu dia-a-dia, nomeadamente no contexto de aprendizagem. Uma criança capaz de gerir a sua frustração, aprende a lidar melhor com as adversidades do dia-a-dia e desenvolve maior capacidade de resolução dos seus problemas, tornando-se uma criança mais autoconfiante. Outro aspeto importante do brincar refere-se ao desenvolvimento cognitivo: uma criança que brinca desenvolve a atenção, a imaginação e a criatividade; ao brincar desenvolve o raciocínio na forma como recria a realidade e se apropria dela.

Brincar é assim um nutriente essencial ao desenvolvimento infantil, é uma forma de a criança experienciar felicidade e de desenvolver uma autoestima saudável! Por isso, use e abuse da hora de brincar com o seu filho e aproveite para colocar em prática a sua “inner child”!

Helena Pereira
Psicóloga da Infância e Adolescência

Horário
Segunda: 15h00 – 20h00
Terça a Sexta: 10h00 – 13h00 | 15h00 – 20h00
Sábado: 10h00 – 13h00

253 781 125 | 914 724 48
geral.guimaraes@clinicamim.com

Rua Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º83,
Costa – Guimarães

DESPORTO

"O GRANDE DESAFIO" NA ESTRADA NACIONAL 02

TEXTO: LUÍSA NOGUEIRA
FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS
INFOGRÁFICO: JOÃO BASTOS



CHAVES

VISEU

ABRANTES

TORRÃO

FARO

Bruno Oliveira, Bic Monteiro, João Lopes, Francisco Fernandes, Gil Almeida, Milton Magalhães são os vimaranenses que se aventuraram pela mítica Estrada Nacional 2. A pedalar, percorreram 738 quilómetros e atravessaram quase todo o território português, em quatro dias.

Com a família a acompanhar e a garantir todos os abastecimentos e todo o apoio necessário, os seis conquistadores da Estrada Nacional 2 partiram de Chaves, na passada quarta-feira, dia 15, rumo à meta.

738 quilómetros depois, o grupo cortou a meta final: Faro. Os vimaranenses apenas apontaram uma falha aquele

município: “Um singelo marco no meio de uma movimentada avenida de Faro” é uma forma pouco condigna de acolher aquilo que tanto passaram para ali chegar.

O que começou como uma brincadeira de amigos, e que foi ganhando forma de “Grande Desafio” foi terminado. Os seis bravos que responderam à chamada, superaram todas as dificuldades que a Estrada Nacional 2 lhes tinha reservado.



MARIA JOÃO COSTA

"UMA PORTUGUESA COM UM JEITINHO BRASILEIRO"

TEXTO: LUÍSA NOGUEIRA • FOTOGRAFIA: EDUARDO CARRONDA

DE GUIMARÃES AO RIO DE JANEIRO, DO CURSO DE DIREITO À VIDA DE ESCRITORA. MARIA JOÃO COSTA É A AUTORA DA NOVA NOVELA DA TVI, "VALOR DA VIDA", E ABORDA O MUNDO DO HORÁRIO NOBRÉ DA TELEVISÃO NA SUA FORMA MAIS PURA.

Quero que recue um bocadinho até à sua infância, aqui em Guimarães.

Vivi cá até aos 17. A casa do meu avô era no fim da rua Santa Luzia, cá em baixo, que agora é um bar. Não sei como se chama aquele bar, mas é engraçado que agora o meu quarto é uma pista de dança. Não é que tenha deixado de vir cá à cidade, passei foi a vir menos, especialmente nos últimos anos, que estive a viver fora. A Guimarães vinha praticamente no Natal. Vinha muitas vezes a Portugal, mas Lisboa passou a ser a minha casa, porque tinha os meus amigos e namorado lá, então acabava por fazer muito Rio – Lisboa, e depois vinha cá um fim-de-semana a correr, porque a família continua a viver cá.

Aos 17 foi estudar Direito.

Queria ter ido fazer Cinema, mas os meus pais não deixaram. Eles achavam que não era uma coisa que me desse futuro, é para ver como a vida é uma coisa retorcida. Nunca fiz Cinema, mas vai-se aproximando. É engraçado como queria ter feito Cinema e ninguém me levou a sério, porque achavam era um disparate. Acabei por escolher Direito, porque com Direito podia ser jornalista, mas em Jornalismo não podia ser advogada. Mas também nunca fiz nada com isso. Na verdade, comecei a trabalhar durante a faculdade como jornalista. Era uma miúda, fazia umas entrevistas. Depois, no último ano fui fazer uma entrevista, porque ia abrir a NTV, e acabei por ficar naquele grupo inicial, mas nunca fui com eles para o ar. Acabei por ir trabalhar para a RTP. Ainda estive lá uns dois anos, e foi na altura em que meti na cabeça que queria ir trabalhar para o Brasil.

Uma cultura que sempre lhe chamou à atenção.

Sim, não sei porquê. Não sei se é de outras vidas, se pela literatura... Mas a primeira vez que cheguei ao Rio até me desiludi bastante. Cheguei num janeiro

bastante chuvoso. Um tempo péssimo e fiquei desapontadíssima.

E a família como é que reagiu?

Nessa altura ninguém me levava a sério, mas isso faz parte das famílias. É quando não se tem aquele trabalho fixo das 09h00 às 18h00, sempre direitinho. Mas acho que isso com o tempo passa. Depois, o GNT Portugal estava à procura, como eles diziam, de "uma portuguesa com um jeitinho brasileiro". Eu apareci e comecei a fazer um programa que se chamava "Braços Abertos", que era uma coisa entre Portugal e Brasil, um híbrido de informação e entretenimento. Depois passei a fazer a parte deles cá em Portugal. Estive lá quase um ano, assim meio sabático, para fazer contactos e depois voltei. Entretanto, a TV Globo fechou em Portugal e comecei a trabalhar na edição, na D. Quixote. Eu escolhia que livros é que íamos editar, era suposto fazer os best-sellers e fiz bastantes. Comecei meio por acaso e acabei por me divertir bastante. Foi algo que descobri que gostava de fazer, porque acabei por me especializar muito no que era análise de tendências. Portanto, antecipava um bocadinho o que é que ia dar, o que é que o público ia querer ver.

Recorda-se de alguma obra?

Querem saber livros que publiquei? Foram coisas variadíssimas e com sucesso em áreas diferentes. Tanto publiquei um livro do Medina Carreira, que foi um sucesso na altura, como publiquei o livro do António Feio, que foi um mega sucesso. Também cheguei a publicar o Futre. Acho que o meu tempo de edição foi muito importante para este meu tempo de autora. Há muitos livros que não publicamos porque são tão polémicos que se os publicássemos íamos ter um monte de processos em cima. É preciso ter muito cuidado. Por exemplo, no livro sobre a Casa Pia, nós escolhemos mudar os nomes de toda a gente. Assim pudemos contar a



história de forma livre, mas com nomes trocados.

Passemos agora para a aventura de escrever novelas, como é que se entra nesse mundo?

Entra-se à maluca mesmo. O mercado é bastante fechado, a começar pela própria produção que é limitada. Quando comecei, a TVI estava a fazer duas novelas e a SIC uma só. Portanto, é um meio fechado. E a ideia de fazer novelas nem foi minha, foi de uma amiga, que trabalhava comigo na edição. Ela é que era a noveleira, porque eu nem via novelas. E ela disse-me que devíamos fazer uma novela. Achei uma ideia gira, e foi assim que começou. Juntamo-nos na casa de uma amiga, inspiramo-nos e começamos a criar uma história. Olhamos para aquilo e pensamos que não estava mau. Desenvolvemos aquilo mais um pouco e depois fomos mostrar a sinopse à SIC. Acharam engraçado, mas que ainda precisava de trabalho. Como eles já estavam a fazer uma novela e tinham contrato com outra autora, achamos que ia demorar bastante. Então fomos bater à porta da TVI.

Há quantos anos isso foi?

Há sete anos. Eu até digo a brincar que entre pensar em fazer alguma coisa na ficção, até começar a ganhar dinheiro foram quatro anos. Mas até lá gastei bastante. Fiz aquela primeira sinopse assim meio a brincar. Depois, percebi que me faltavam bases de outras coisas. Nunca tinha estudado dramaturgia a fundo. Então, como estava no Brasil, aproveitei para estudar bastante. Tive um professor muito bom, que me ensinou as bases. Não é que haja regras muito específicas para fazer novelas, mas há umas coisas que temos de saber. Mas fiz uma data de cursos de outras coisas, sobretudo séries. Aproveitei bem esse momento, e tive muita formação no Brasil. Para além disso, fiz também uns cursinhos de interpretação, de televisão e cinema. Eu nunca quis ser atriz, mas achava importante perceber o processo de quem está do outro lado a receber os nossos textos. Uma pessoa até aprende a valorizar mais o trabalho dos atores.

Então acabou os estudos e começou a escrever?

Eu ainda hoje estudo. Acho que é um processo contínuo. Temos que voltar atrás, aos Clássicos. Percebemos que independentemente do tempo em que estamos, a matriz das histórias é muito parecida. Nós trabalhamos com conflitos humanos que não começamos hoje, começaram lá atrás e são os mesmos. Ou seja, esses clássicos de “pai que



mata o filho”, “mãe que tem ciúme da filha”, são matrizes de histórias que são comuns. Ninguém inventa nada, é tudo reinventado. Quando fiz “Ouro Verde”, a matriz da minha história era de “O Conde de Monte Cristo”, e a única coisa que tinha de semelhante é que tinha um homem que muda de identidade, porque se sentia injustiçado e voltava para se vingar. É uma história que as pessoas reconhecem, sem saber que a reconhecem. Está no inconsciente coletivo, porque nós todos reconhecemos estas histórias e já vários autores, ao longo dos séculos, as foram compilando.

E em relação ao estigma das novelas?

Há algum preconceito. Realmente, há novelas que são muito fracas porque entram num esquema de produção que é muito massificado. Por causa dos custos, uma novela é feita muito a correr. Nós não temos muito tempo para pensar. Mas isso, acabou por criar um estigma em relação à novela. Gosto muito daquela coisa que é “passou uma semana, mas está tudo igual, não aconteceu nada”. No início, nas

novelas isso acontecia, porque não havia nem maneira de passar atrás a novela, o que hoje existe, e como a novela é um produto longo, a técnica original obrigava a isso. Só que hoje, isso já não faz sentido. Agora há 20 maneiras diferentes para ver o que está a acontecer na novela. São os resumos na internet, são as revistas, perguntam a alguém... Não há desculpa para não saber o que se passa.

Nas novelas, para além de construírem uma história para as personagens principais, têm que construir para as secundárias, num formato longo, diferente do cinema.

A lógica é a mesma, a questão é que um filme escolhe um corte muito específico, porque dura uma hora e meia, e nós fazemos uma hora por dia, durante 200 dias no mínimo. Portanto, a maneira de pensar e de estruturar é completamente diferente. É impossível comparar a qualidade. Mas hoje, em Portugal, para o dinheiro que temos disponível, já fazemos coisas com muita qualidade. No Brasil ficam loucos com aquilo que fazemos. O nosso diretor de

projeto, o Sérgio Graciano, quando leu o guião disse-me “ó João, isto parece-me cinema. Portanto, nós vamos ter que fazer cinema aqui!”. É engraçado porque começo a ver imagens, sobretudo do exterior, e percebe-se que há essa intensão ali. Tenho uma equipa que acredita que é possível fazer novelas que não sejam chapadas. É uma equipa que acredita que podemos fazer diferente, sem ser cliché. E depois as pessoas esquecem-se que a novela tem um papel social importante, porque é o maior influenciador nacional. Nós chegamos a muita gente todos os dias.

E que temáticas vamos poder encontrar em “Valor da Vida”?

Vamos ter várias. Estes dias falei comigo sobre um caso de violência doméstica que temos na novela. Eu disse que nós não íamos falar de violência doméstica, mas sim de feminismo. Acho que há uma febre tão grande com as feministas que parece que os homens são sempre os maus. Mas a violência não é uma coisa exclusiva do sexo masculino, e está muito ligada a questões de poder. Acho que só não

há mais mulheres que são agressoras porque ainda não estão, nessa situação de poder, equilibradas com os homens. Por isso, trago uns casos de violência doméstica invertidos, em que a minha intenção é pôr as pessoas a pensar que isto não é exclusivo do sexo masculino. Sem querer entrar muito a fundo, a novela não tem este nome por acaso. Quando comecei a criar a história, eu queria que a história e as personagens se interligassem com esta mensagem. O que é o valor da vida para cada um de nós em função do lugar onde estamos? E o que somos nós capazes de fazer em nome disso? Nós sabemos que a nossa vida é mais importante do que o desconhecido que vai a passar na rua. E depois, há aquelas pessoas que ganham dinheiro à custa da vida dos outros. Há gente que ganha dinheiro a atravessar refugiados. Há gente que trafica pessoas. Qual o valor da vida

"A NOVELA NÃO TEM ESTE NOME POR ACASO"

para uma pessoa dessas? E se for essa pessoa a estar em risco? Ou se for o filho? Se lhe tocar a ela o que ela andou a fazer a outros? A novela tenta "brincar" um bocadinho com estas ideias, de como o valor da vida muda em função do lugar em que estamos. Não é pedagógico, porque é retratado entre o drama e o entretenimento, mas as pessoas ficam a pensar naquilo sem saber. Em "Ouro Verde", uma das maiores polémicas foi uma personagem transexual, um homem que se transformava em mulher e que foi assassinada, mas não teve nada a ver com o género. Havia um tipo maluco que matava toda a gente que o podia denunciar e esta personagem acabou por morrer como os outros. Nem tinha planeado matá-la na verdade, mas a história levou-me para ali. E ficou toda a gente chateada, porque matei o transexual. Mas até achei bom. A minha intenção era que as pessoas ganhassem simpatia por aquele rapaz que queria ser mulher, e o meu trabalho foi conseguido. Também tive uma polémica com os vegans. Tinha personagem ambientalista em que 95% do tempo cumpria com tudo, só que quando estava mais nervosa comia um bife às escondidas. Os vegans iam-me matando. O facto de ser suposto uma pessoa seguir um código, não quer dizer que o cumpra sempre, porque somos humanos e nós falhamos.

Voltando agora ao novo projeto.

Nós temos um protagonista que acorda todo desmemoriado. Toda a gente pensa que ele está morto há 20 anos e ele acorda no Líbano, perdido e sem

saber o que lhe aconteceu. Quando ele chega a casa, a família fica stressada porque afinal está vivo. A ex-mulher, que casou com outro, está louca porque o marido que adorava está vivo. E ficaram todos a olhar para ele porque ele não envelheceu. Ele próprio não sabe explicar e pensa que pode ser um impostor. Isto levanta questões interessantes de identidade. Isto fala muito sobre a vida que se deve viver no presente e não no passado. E neste caso, é como se não conseguissem avançar sem entender o que é que aconteceu. Ele teve uma vida antes disto e quer saber qual foi e sem isso ele não consegue perceber quem é. Há pessoas que dariam tudo para poder apagar a memória, mas se não se lembrassem de nada, iam querer descobrir quem eram. Sem isso não se sentem inteiras. E sempre que as personagens tentam chegar ao passado, percebem que o importante é o agora. Nós vivemos a sofrer com o passado e ansiosos com o que vem a seguir. Neste ritmo de vida que vivemos, esquecemo-nos de viver bem no aqui.

Como é decidir o destino de personagens que os portugueses acompanham?

Sou um pequeno Deus [risos]. Seja o que for que fazemos, isso banaliza-se ao fim de pouco tempo. A única coisa que não nos podemos esquecer neste trabalho é que há responsabilidade social. Eu escrevo a novela e depois tenho que a gerir. Se uma personagem morre, porque o ator tem uma indisponibilidade e não pode continuar na novela, as pessoas vêm-me "bater" a mim. Para o bem e para o mal, nós é que levamos com as coisas.

Ainda faltam muitos episódios para escrever?

Já começo a ver a luz ao fim do túnel, já passei da metade, são 200 episódios. Nunca corre como planeado, porque na novela está tudo muito em aberto. Temos uma linha mestre, que nos guia para grandes acontecimentos. E depende muito do meu humor, se acordo bem ou mal disposta, mas é mesmo assim. Escrevo um episódio por dia, e depende do meu humor.

E o que podem esperar os vimaranenses? Têm muito boas reações.

Ainda estes dias estive na cidade com a equipa, e vinham pessoas ter comigo a dizer que não viam novelas, mas que esta iam ver. Disse sempre na TVI que nós em Guimarães somos bairristas e todos vão querer ver. Acho que vão começar a ver por isso, mas depois vão continuar. Sou suspeita, mas estamos a fazer uma coisa muito diferente.

SOCIEDADE

ERA ESTA VIDA... E 100€ POR DIA!

MOSTRAMOS POR ONDE ANDARAM OS VIMARANENSES NESTE VERÃO.

De Tavira à Suíça e de Peniche às Canárias, foram muitos os vimaranenses espalhados pelo mundo a gozar umas merecidas férias. Na edição de setembro da revista Mais Guimarães apresentamos um "best of" com as fotos mais marcantes deste verão.



Célia Castro em Gran Canária.



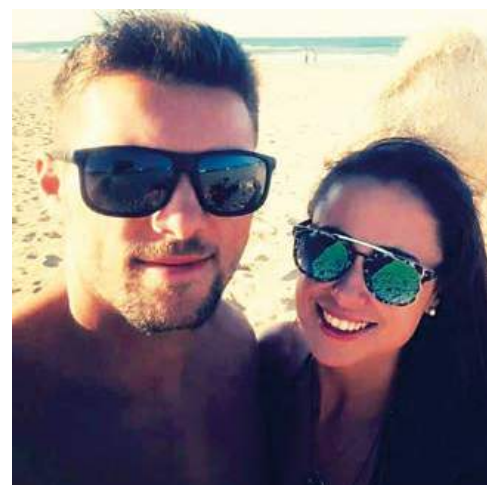
Férias no Algarve, em Tavira - Carlos Ribeiro.



Filipe Ferreira, a banhos, na Praia Fluvial de Adaúfe.



Francisco Leite Silva na fortaleza de Salzburgo com vista sobre a cidade.



Juliana Fernandes com a sua cara-metade na Tunísia.



Julieta Ribas junto à Casa de João Paulo II, na Cracóvia.



Ana Silva no relax em Matterhorn - Suíça (Zermatt).



Ulisses Dias, em Lagos, no Algarve.



Isabel Ribeiro à descoberta de Dubrovnik, na Croácia.



Helder Nogueira esteve em Nazaré, S. Martinho do Porto e Foz de Arelho.



Fábio Silva rema por Vila Praia de Âncora.

O EXECUTIVO MUNICIPAL TAMBÉM FOI A BANHOS



"Poço Azul (próximo de São Pedro do Sul) - um local natural a visitar". O vereador Ricardo Costa, com a sua esposa Elisa.



André Coelho Lima aproveitou as férias para partilhar momentos com a família.



"A descansar em família no Algarve". Bruno Fernandes



"Momento de pausa na passeio diário de bicicleta Póvoa de Varzim/Vila do Conde". Monteiro de Castro

PUB

ENEDECOR
Mobiliário & Decoração

Um novo nome, a qualidade de sempre.

FACILIDADES DE PAGAMENTO

Av. D João IV - 1147 4800-532 Guimarães
Tel. 933 578 928 geral@enedecor.pt
www.enedecor.pt

APROVEITE JÁ

SALDOS

ÚLTIMOS DIAS



JOSÉ ALBERTO REIS

30 ANOS A CANTAR

TEXTO: LUIZA NOGUEIRA • FOTOGRAFIA: DIREITOS RESERVADOS

O CANTOR VIMARANENSE CELEBROU OS 30 ANOS DE CARREIRA COM UM CONCERTO "EMOTIVO E INTIMISTA", NA TERRA ONDE NASCEU, NO PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA, QUE CONTOU COM O APOIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES, NO PASSADO DIA 19 DE AGOSTO.

O cantor ainda se recorda de cantar pelas ruas de Guimarães e do dia em que enviou uma carta para uma produtora. "Não me posso esquecer do dia em que coloquei um envelope nos correios de Guimarães, e que foram direcionados para Lisboa, para a EMI, e daí veio um contrato, que era muito difícil de conseguir na altura. Não posso esquecer esses momentos", referiu.

Sobre o concerto do passado domingo, José Alberto Reis confessou que foi "um bom espetáculo". "O espetáculo correu

muito bem, à parte de algumas coisas que aconteceram a nível da organização, mas que se resolveram. Estava predisposto a cantar de uma forma emocional, porque estava na cidade onde nasci e porque eu visualizei estes 30 anos numa zona histórica, como é o Paço dos Duques, e correu da forma como eu desejava", contou.

José Alberto Reis quis agradecer a Domingos Bragança, que lhe ofereceu este concerto. "Tenho que agradecer ao senhor presidente da Câmara, que

se prontificou a oferecer-me este espetáculo".

O cantor confessou ainda que não canta na cidade-berço tanto como gostaria. "Confesso que em Guimarães já há muitos anos que não canto, com a exceção dos espetáculos de cariz benéfico que vou fazendo. Gostava de cantar mais em Guimarães", referiu.



CARREIRA

José Alberto Reis deu o seu primeiro espetáculo no ano de 1983, em Marco de Canaveses, onde interpretou "Nesta tarde sem fim" com base num poema de Fernando Pessoa.

Dois anos depois, assinou contrato com a EMI - Valentim de Carvalho, e o seu produtor foi Mário Martins. Em 1987 são lançados os singles "Amo-te" e "Setembro". Em 1988 sai o seu primeiro álbum, "Sonhando".

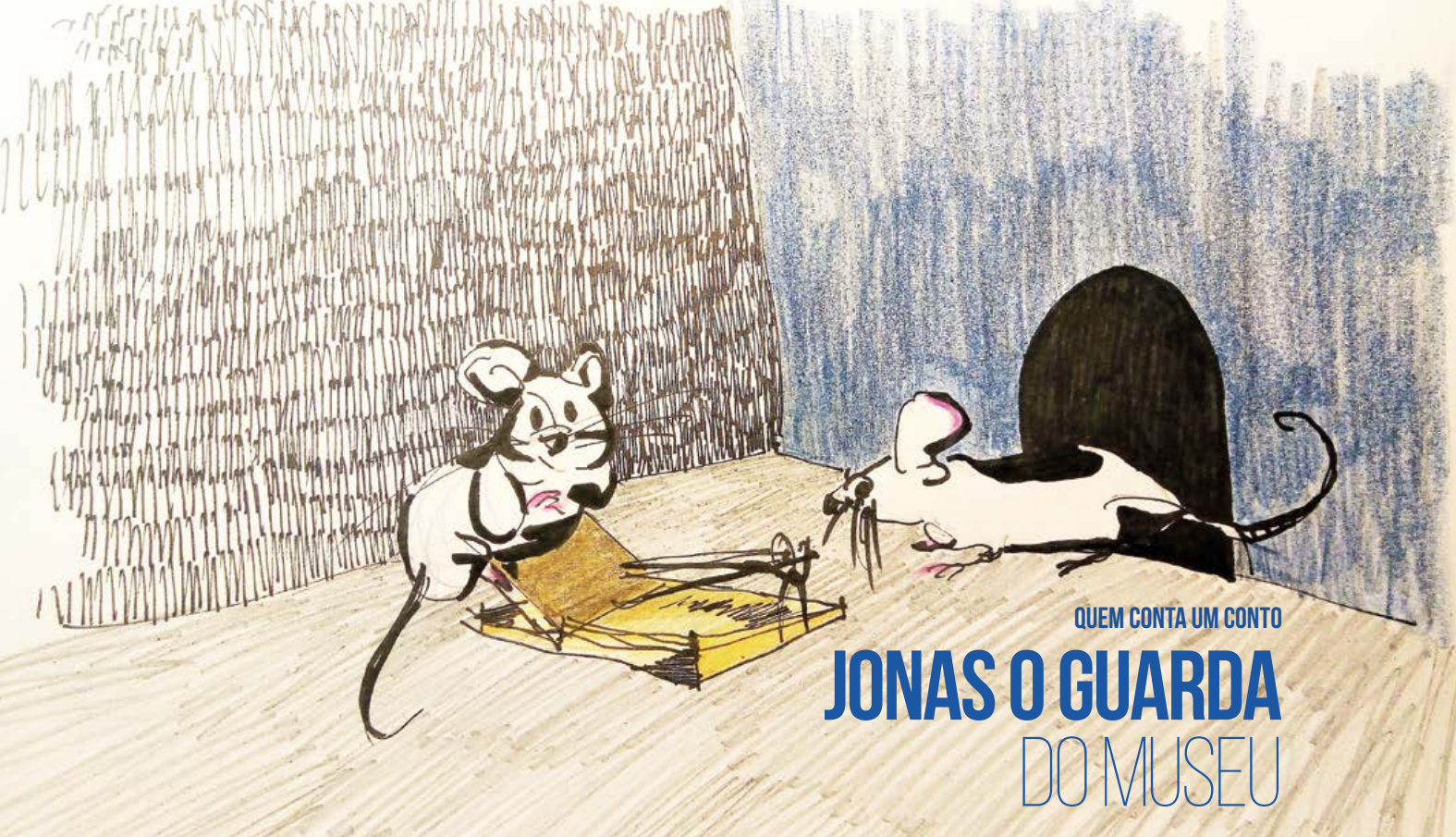
Participou no Festival da Canção da RTP, com "Palavras Cruzadas". Com o álbum "Alma Rebelde" [1994], já na editora Vidisco, consegue o seu segundo disco de prata e dois anos mais tarde, o tão aclamado disco de ouro.

José Alberto Reis também é autor de um dos hinos do Vitória Sport Clube. O cantor atuou no Estádio D. Afonso Henriques para 30 mil pessoas.



30 anos de carreira celebrados na cidade-berço, a sua terra natal. José Alberto Reis, cantor vimaranense de renome nacional, contou as 30 primaveras do seu percurso profissional na música, no passado dia 19 de agosto, no Paço dos Duques de Bragança. O artista apresentou o seu novo álbum, "30", que dedicou inteiramente a Guimarães.





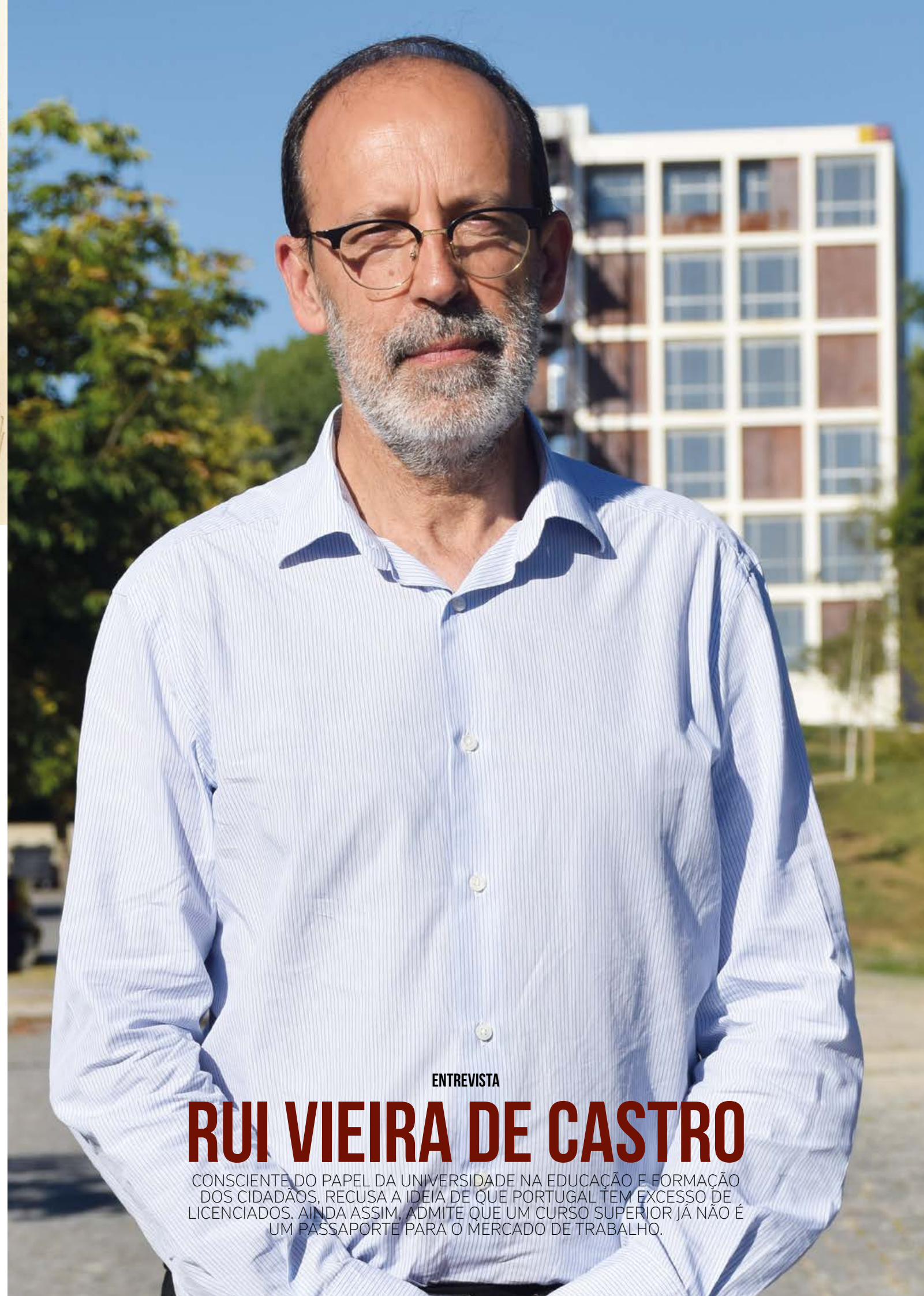
TEXTO: JÚLIO BORGES IMAGEM: BÁRBARA CORREIA DA SILVA

Jonas vivia um prédio antigo. Daqueles em que o tempo não passa. Não passa porque o edifício é mais antigo que o tempo e onde o tempo é guardado e conservado como uma relíquia. Jonas adorava viver aquele edifício. Leiam bem, adorava viver aquele edifício. - Nós vivemos onde nos sentimos bem, não onde dormimos! - dizia muitas vezes o guarda do museu.

Sim, Jonas tinha o incrível emprego de zelar pela segurança, e conviver diariamente, com obras de arte de valor cultural e beleza ímpares. Todos os dias saía de sua casa, apanhava o autocarro 73 e seguia viagem até ao Museu. Todos o conheciam pelo seu belo fato de segurança. Um fato cinzento impecavelmente engomado com uns reluzentes botões de latão dourado, umas luvas alvas como a neve e um chapéu de pala de vinil que refletia qualquer raio de sol que por descuido ou vontade decidisse ali poisar. Adorava o seu emprego. Cumprimentava os seus colegas, passava pelo busto do grande Luís Vaz de Camões dirigindo-lhe uma formal "Bom dia sua excelência!", levantava o seu lustroso chapéu ao quadro de D. Inês de Castro e cochichava durante alguns segundos com a múmia de um faraó famoso que se encontrava no salão das exposições temporárias. Os dias passavam e o museu recebia visitas de imensa gente. A d. Amélia, a vizinha do outro lado da rua, que comprava bilhete anual para ter outra

companhia que não o Bigodes, o seu gato de estimação, pois era pouco conversador. Os alunos das escolas da cidade que, sempre que podiam faziam visitas para conhecer a história da região, do país ou do mundo. E imensas pessoas de outras terras e países. Mas um dia, desculpem-me, uma noite, quando Jonas se preparava para se despedir do museu e regressar a casa, o museu recebeu uma visita inesperada. Um pequeno rato. Era de facto minúsculo. Pelo curto, cinzento, bigodes curiosos e irrequietos, cauda longa e fina. "Não pode ser. Não podem aqui viver roedores, destruidores de tudo e qualquer coisa". Pensava Jonas. O guarda do museu correu atrás do bicho. De vassoura em punho. Mas o pequeno animal era mais rápido do que ele. Sem fazer qualquer alarido dirigiu-se à loja do outro lado da rua para comprar uma ratoeira, também pequena, para que se não visse. Colocou-a num lugar estratégico, onde os álbuns de exposições, de anos e temporadas anteriores, se amontoavam. Prendeu no pequeno mecanismo um pedacinho de queijo, daquele que qualquer rato gosta, um pequeno pedacinho de queijo suíço. Não foi necessário esperar muito pelo espetáculo. O pequeno rato, aproximou-se, cheirou o ar, como se de um cão de caça se tratasse e com uma velocidade estonteante, agarrou com os seus pequeníssimos dentes o pequeno pedaço de queijo e fugiu.

Jonas tinha falhado. Naquele dia não saíra do seu belo local de trabalho sem apanhar o animal. Fechou as portas daquele belo lugar de arte, história e saber e preparou-se para a caçada. Munido de dezenas de ratoeiras colocou-as estrategicamente em todas as entradas, portas de arrecadações e principalmente junto às naturezas mortas, na sala dos grandes pintores, onde quadros houvesse com representações de queijos e enchidos. Na manhã seguinte, Jonas não apanhou o seu autocarro como de costume. Não abriu a porta do belo museu onde trabalhava. Não deu entrada ao serviço como de costume. Jonas, nessa manhã, fechado numa arrecadação gritava por socorro. O pequeno rato, auxiliado pela sua pequena família; o pai, a mãe, duzentos e oitenta e oito tios, quarenta e três irmãos e mil seiscentos e seis primos, durante a noite, haviam carregado Jonas até à arrecadação onde se guardava o material de limpeza, e lá havia ficado, fechado, sem se mexer, pois todas as armadilhas lá estavam à sua espera. Os pequenos ratos também apreciavam as diversas obras que no museu se encontravam, nunca haviam destruído nada, e apenas se alimentavam dos velhos catálogos de coleções que haviam ocorrido. Jonas, aprendeu nesse dia, não se meter com os pequenos animais que em nada o prejudicavam, pois nem sempre o que achamos certo é a forma mais correta de agir.



ENTREVISTA

RUI VIEIRA DE CASTRO

CONSCIENTE DO PAPEL DA UNIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOS CIDADÃOS, RECUSA A IDEIA DE QUE PORTUGAL TEM EXCESSO DE LICENCIADOS. AINDA ASSIM, ADMITE QUE UM CURSO SUPERIOR JÁ NÃO É UM PASSAPORTE PARA O MERCADO DE TRABALHO.



“É INQUESTIONÁVEL O PAPEL QUE A UNIVERSIDADE CONTINUA A TER”

TEXTO: JOANA QUINTAS • FOTOGRAFIAS: EDUARDO CARRONDA

ASSUMIU A REITORIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO EM OUTUBRO DO ANO PASSADO E ACREDITA QUE A INSTITUIÇÃO TEM FEITO UM GRANDE PERCURSO. PARA RUI VIEIRA DE CASTRO, É IMPORTANTE REFORÇAR O PÓLO DE GUIMARÃES E, PARA ISSO, AUMENTAR A OFERTA DE ALOJAMENTO NA CIDADE.

O que é um reitor? Que significado tem, nos dias de hoje, ser reitor de uma universidade?

O significado que tem, tem a ver com aquilo que a universidade é, enquanto instituição. As universidades, quero crer, são das instituições mais reconhecidas, pelo menos nas civilizações ocidentais. O porquê desse reconhecimento está relacionado com o que são os seus eixos fundamentais: é responsável pela qualificação superior das pessoas, aquilo que são os níveis mais elevados de capacitação profissional, intelectual, técnica e cidadã. Mas as universidades fazem mais do que isso. Hoje são, e particularmente em Portugal, os lugares onde se produz conhecimento novo sobre o que somos, sobre o contexto em que nos movemos, operando sobre esses múltiplos objetos.

Quando se olha para as universidades desta maneira percebe-se que um reitor tem responsabilidades importantes. Cabe-lhe representar, cabe-lhe dirigir a universidade e, desse ponto de vista, repousam sobre ele grandes responsabilidades. No meu caso, eu diria que tanto maior quanto a Universidade do Minho é hoje reconhecidamente uma

referência no contexto nacional e que cada vez mais se afirma no contexto internacional. Isto coloca sobre o reitor um peso e uma responsabilidade grande. Nós temos uma história que, para a história das universidades é curta, 44 anos, mas a verdade é que se conseguiu fazer um grande percurso.

Falou do papel da universidade enquanto instituição de ensino. Qual considera ser o papel da universidade nos dias de hoje, uma vez que ser licenciado já deixou de ser uma garantia, por exemplo, de integração no mercado de trabalho?

Para mim é inquestionável o papel que a universidade continua a ter na educação e capacitação das pessoas. É uma missão inalienável da universidade. Agora, a verdade é que as circunstâncias vão mudando, as circunstâncias históricas, aquilo que são as necessidades e interesses das pessoas, e isso altera o quadro em que as instituições se movem. O que disse é verdade, há algumas décadas a posse de um grau superior era um passaporte que garantia uma inserção nos contextos de trabalho. E hoje isso não acontece.

E acha que podemos falar num excesso de vagas no ensino superior?

Não, de todo! Eu discordo radicalmente de uma visão que defende que Portugal tem demasiados licenciados e isso não é verdade. Se compararmos internacionalmente o nosso país, vemos que temos ainda um longo caminho a percorrer. A união europeia estabeleceu

uma meta para 2020, de que 40% da população da união, entre os 30 e os 34, deveria ter um grau superior. Portugal está, ainda hoje, longe dessa meta e está ainda mais longe do que é a meta a que o país já se propôs para 2030, que é ter 50% da população dessa faixa com um grau superior. Neste momento, temos à volta de 35%. As universidades já não podem, no entanto, garantir às pessoas que vindo fazer um curso vão ter uma posição no mercado de trabalho correspondente ao que são as suas expetativas.

Durante muito tempo os reitores desta universidade eram da área das engenharias. Que impacto pode ter para as Ciências Sociais o reitor ser agora proveniente dessa área?

Nós temos, de facto, um conjunto importante de reitores que tiveram formação em engenharia e acho francamente que a universidade beneficiou e os nossos reitores tiveram, todos eles, um papel muito importante no desenvolvimento da instituição. Não quero crer que a proveniência da área científica seja absolutamente determinante para o modo como se olha para uma instituição, ela própria muito complexa. A Universidade do Minho é uma universidade completa, com praticamente todas as áreas que são habitualmente identificáveis no ensino superior. Certamente que o olhar da nossa área de formação acaba por se projetar no modo como cada um de nós olha para as instituições e para os contextos em que elas vão desenvolvendo a sua atividade. Mas também acredito que, mais do que a

"A UNIVERSIDADE PRECISA DE ALARGAR O NÚMERO DE CAMAS"

área de onde se provém, é importante o projeto que se tem para a instituição. Por isso é que é determinante que a universidade escolha uma pessoa e não outra. Claro que não significa que a área não arraste consigo um certo olhar, um conjunto de preocupações, um certo modo de olhar para as coisas, que pode ser enriquecedor para o projeto que se tem.

Como é que está a procura pela Universidade do Minho, atualmente?

A procura está muito bem. O ano passado tivemos resultados muito interessantes. No concurso nacional de acesso do ano passado, nós cobrimos 98% das nossas vagas na primeira fase de candidatura, o que significa preencher praticamente todas as vagas disponíveis e, pela primeira vez, fomos a terceira universidade do país com maior taxa de cobertura das vagas.



A universidade tem dois polos, Braga e Guimarães. Em termos de alunos, como se distribui?

Mais ou menos 2/3 para Braga, 1/3 para Guimarães. Nós temos, neste momento, entre 6.000, 6.500 alunos em Guimarães e cerca de 12.500 em Gualtar.

De que forma se poderia caminhar para uma situação de paridade, equilíbrio entre os dois?

A nossa preocupação neste momento é um reforço do polo de Azurém, mais genericamente o polo de Guimarães, que já tem dois polos em si, também com Couros, onde vamos colocar a licenciatura em Artes Visuais e que

queremos transformar num campus universitário, com foco nas formações que têm uma componente criativa e artística. É claro, para nós, esta opção. Do meu ponto de vista não há qualquer diferença entre Azurém e Gualtar, a não ser as que decorrem das atividades que cada um dos polos tem. Mas sim, para mim, tenho como objetivo reforçar o campus de Guimarães.

Para isso é importante a oferta de alojamento na cidade. De que forma acha que o município pode colaborar nesse sentido?

Quando falamos do aumento do número de alunos há uma questão que se coloca, que é onde os vamos alojar. E o alojamento tornou-se hoje uma preocupação importantíssima para as universidades porque as condições de vida, por efeito até da crescente procura de habitação nos vários polos cidadãos, tornaram-se mais caras para os estudantes, tornou-se mais difícil obter alojamento em boas condições e tornou-se uma preocupação grande para nós. A universidade precisa de alargar o número de camas e, tendo como pano de fundo as boas relações entre universidade e município, a questão do alojamento tornou-se num problema partilhado. Nós entendemos que a resposta a este problema tem que ser variada, não podemos pensar num único instrumento para responder a estas necessidades que surgem e se vão complexificando com a chegada também de investigadores e estudantes estrangeiros, que têm necessidades muito próprias. Temos que encontrar aqui um quadro de respostas múltiplas. Naturalmente que a universidade não quer abdicar da sua própria responsabilidade e está empenhada em avançar com a construção de novas residências, mas também importa

"TENHO COMO OBJETIVO REFORÇAR O CAMPUS DE GUIMARÃES"





de forma direta para a capacitação do tecido económico.

Falou de uma relação estreita entre a universidade e as empresas. E com a sociedade? Considera que a universidade é aberta à sociedade?

Eu diria que dificilmente uma instituição pode dizer que atingiu o ponto ótimo de relação com a sociedade. Mas acho que fizemos já um bom caminho e, sobretudo, temos uma direção muito clara: nós nunca nos entendemos a nós próprios como uma universidade que está alheada do território onde se encontra. O modo como a universidade se envolveu na candidatura de Guimarães a Capital Verde Europeia, pelos recursos que mobilizou, pelas pessoas que envolveu, é um muito bom exemplo. A abertura que fazemos dos nossos laboratórios, das nossas salas, dos nossos espaços, o trazer até nós jovens e menos jovens para visitar, é algo que fazemos com muita regularidade e é uma forma de trazer até cá as pessoas.

Mencionou que os investigadores são cada vez mais uma peça fundamental na universidade, mas por outro lado são públicas as dificuldades de financiamento de projetos. Qual o caminho a seguir nesta área? Os investigadores estão condicionados?

Nós vivemos num país que tem as circunstâncias que tem, um país que está em processo de saída de uma gravíssima crise financeira e económica. É natural a existência de dificuldades de vária ordem, desde logo das atividades de financiamento das instituições de ensino superior. Nós achamos que há, hoje, um problema de subfinanciamento das instituições de ensino superior e eu diria que há outro também, que é da menor transparência do modelo de financiamento. Temos aí problemas a resolver. Nem sempre a universidade vê, tão rapidamente como gostaria, reembolsadas as despesas que realiza nos quadros dos projetos de investigação. Da forma como o financiamento acontece em Portugal, a universidade está sempre a adiantar dinheiro, depois mostram-se os resultados daquela fase, é feito um pedido de financiamento, e é feito o reembolso. Este processo de reembolso às vezes é muito mais demorado do que aquilo que gostaríamos. Mas isso não tem impedido que a U.M. tenha um desempenho, na área da investigação, que eu considero ser francamente notável. Nos primeiros sete meses de 2018, vimos financiados mais de 200 projetos, com orçamento global superior a mais de 40 milhões de euros, e isso dá bem conta de, como apesar das dificuldades em que nos movemos, temos uma comunidade

de investigadores muito ativa, muito comprometida, muito empenhada e que é capaz de afrontar com grande vontade as dificuldades.

A universidade passou para fundação. Em termos práticos, o que alterou?

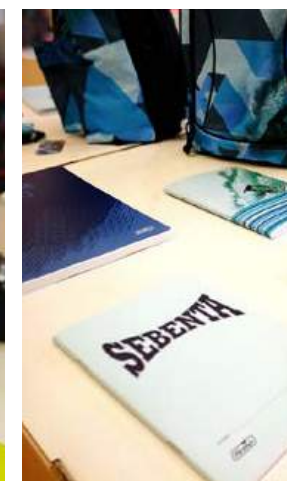
A questão da passagem da universidade para fundação foi muito discutida e foi muito controversa. A verdade é que, no final de um debate longo, acabou por ser tomada esta decisão e, a meu ver, fê-lo bem. Não significa isso que eu não reconheça que aquilo que estava previsto como sendo as vantagens do modelo fundacional tenham sido integralmente cumpridas, não foram. Mas ainda assim continuo a reconhecer que o modelo fundacional tem vantagens importantes como o reforço da autonomia da instituição e a maior proximidade com os órgãos de topo. Passamos a ter uma capacidade alargada de gestão do nosso património edificado e passamos a ter mais capacidade de recrutamento de pessoas. Sendo isto menos do que aquilo que tinha sido inicialmente associado ao modelo fundacional, são já vantagens importantes.

Quais são as prioridades e expetativas para este mandato?

No que diz respeito à educação, temos um entendimento de que a universidade, tendo consolidado a sua oferta educativa, deve avançar com um programa de formações de curta duração, mais orientadas para pessoas que já estão no mercado de trabalho, orientadas para complementar a formação de profissionais, para permitir a reconversão de profissionais. Neste quadro, também a aposta que vimos a fazer no ensino à distância, disponibilizando uma vez mais cursos que não são conferentes de grau, mas que permitem acesso a formação que são profissionalmente capacitantes. Olhando para a investigação, queremos reforçar a nossa posição no contexto nacional e internacional, queremos reforçar o corpo de investigadores, mas também vincar uma posição cada vez mais forte naquilo que se chama “ciência aberta”, no sentido de os dados de investigação serem disponibilizados a toda a população. Na interação com a sociedade temos alguns projetos que gostava que fossem consolidados. Um deles é um projeto pioneiro, que chamamos de “casas do conhecimento”, que tem a ver com a localização, em variados territórios, de polos da universidade, através destas casas de conhecimento, que são locais aos quais a universidade pode chegar de múltiplas maneiras, até com comunicação à distância, mas que serão também polos de dinamização cultural, social e até económica das regiões.



TUDO PARA O REGRESSO ÀS AULAS



WWW.TAILAR.COM

LOJA ONLINE

© Rua de Azemel, 4806-909 Caudelas - Guimarães (junto ao centro grossista das Taipas)

f i @ geral@tailar.com ☎ 253 479 950 / 964 737 672 / 253 479 959

A ARTE URBANA DO NOVO SETOR ULTRA

TEXTO: LUÍS FREITAS • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



MIGUEL MAZEDA, CONHECIDO COMO GUEL, EMBELEZOU O SETOR ULTRA DO ESTÁDIO D. AFONSO HENRIQUES, COM RECURSO A ARTE URBANA.

A dedicação dos adeptos é uma das imagens de marca do Vitória Sport Clube. As manifestações de apoio, em casa ou fora, não deixam ninguém indiferente. No entanto, para tornar o D. Afonso Henriques ainda mais especial, o Vitória aceitou o desafio de uma das claques Setor Ultra, dando uma nova "roupagem ao local".

A arte urbana entrou de vez no D. Afonso Henriques. Miguel Mazeda, vitoriano de gema, teve a oportunidade de dar uma nova cor ao Setor Ultra, e os re-

sultados estão à vista. "Há uns tempos, comecei a juntar o meu trabalho e a minha paixão pelo Vitória e desde aí que comecei a travar amizades com vários adeptos que me têm pedido trabalhos. Esta foi uma situação idêntica, com um sabor especial, que resultou num laço de amizade criado entre mim e os elementos da claque que fizeram parte do projeto", adiantou o artista, à Mais Guimarães.

Colaborar com o clube do coração é um sentimento especial. Miguel Maze-

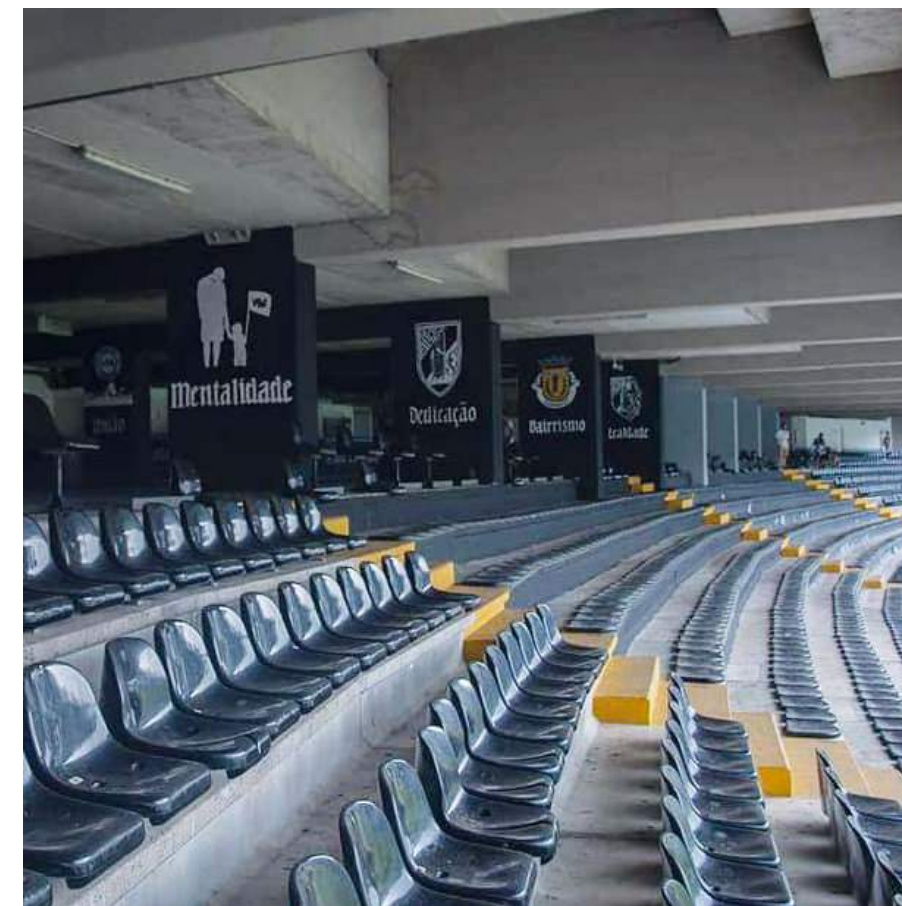
da que o diga: "Ainda hoje procuro palavras para descrever o que aconteceu naquela semana. Foi um sonho tornado realidade".

Guel já tinha desenhado a campanha "Aqui é Só Vitória", para a temporada 2018/19.

Para realizar uma obra de arte deste calibre, é preciso inspiração, mas, para o artista, o simples facto de pintar sobre o Vitória, é suficiente: "teria inspiração todos os dias para pintar sobre o VSC",



**"TENHO A CERTEZA
QUE SE ME DESSEM
TODO O ESTÁDIO,
AINDA SE RESPIRAVA
MAIS VITÓRIA"**



**"AINDA HOJE
PROCURO PALAVRAS
PARA DESCREVER
O QUE ACONTECEU
NAQUELA SEMANA.
FOI UM SONHO
TORNADO REALIDADE"**



diz. "Eu ouvi as ideias deles, aprendi sobre a claque e sobre aquilo em que acreditam. De seguida, foi passar à prática e criar algo único. Sem o trabalho e esforço de todos não tinha sido possível. Todos os que se envolveram foram incansáveis durante aquela semana e desempenharam um papel fundamental no projeto", conclui Miguel Mazeda.

**AMBIÇÃO PARA
O FUTURO**

Guel já pensa no futuro e idealiza um

estádio ainda mais preenchido por arte urbana, algo que já acontece noutros clubes europeus conhecidos pela dedicação dos seus adeptos.

"Existem paredes que criavam ainda mais impacto do que as paredes escondidas do Setor Ultra. O Vitória tem uma história extremamente rica, uma identidade única e é um clube que se diferencia de qualquer outro em Portugal, e isso deve ser imortalizado. Tenho a certeza que se me dessem todo o estádio, ainda se respirava mais Vitória".



Uma Pedrada No Charco, No Futebol Português!

Uma coroa de glória irá ser sempre reclamada pelos vitorianos... e com razão! Independentemente dos poucos títulos conquistados, de épocas menos conseguidas, a verdade é que qualquer adepto do clube do Rei dirá que o Complexo Desportivo do clube foi o primeiro do país e precursor do actual mundo das academias.

A aventura foi, pois, encetada nos anos 90... fruto da obtenção de uns terrenos, que eram propriedade da extinta Unidade Vimaranesense, o Vitória começava a projectar uma estrutura que seria admirada por todo o país!

Era o primeiro complexo desportivo do país que, na altura, o presidente

FUTEBOL À LUPA

A ACADEMIA... A APOSTA DE ONTEM, HOJE E AMANHÃ!

TEXTO: VASCO RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

PARA PROJECTAR O FUTURO, URGE DAR CONDIÇÕES PARA ELE SE DESENROLAR DO MODO MAIS FELIZ...URGE TORNA-LO RISONHO, INVESTINDO NAS MELHORES CONDIÇÕES POSSÍVEIS!

do clube, António Pimenta Machado, garantia querer que fosse à imagem de Milanello, icónico centro de treinos do AC Milan, por esses dias, máxima referência europeia.

O projecto haveria de ganhar razão, logo, no seu arranque com a inolvidável vitória no Campeonato Nacional de Juniores, em 1991. Nomes como Zé Lourenço, David, Lomba, Geani, Armando, entre tantos outros sob orientação de Manuel Machado, mostravam-se ao mundo e o trabalho nos escalões jovens seguia um caminho diverso de todos os outros clubes no país!

As Gerações de Talentos...

Tal seria a pedra de toque para uma década de 90 do século passado de êxitos! O Vitória apresentava uma estrutura que

comportava um conjunto de relvados, com tratamento superior e uma estrutura de apoio sem paralelo no país. E enquanto os clubes nacionais mais titulados tinham de deslocalizar os seus escalões mais jovens, colocando-os a treinar fora da sua zona de conforto, em Guimarães projectava-se o êxito dentro de portas. Aliás, a excelência da aposta terá sido comprovada pelos lucros das vendas de Fernando Meira ou Pedro Mendes, produtos nados e criados em Guimarães.

Além disso, outro facto revelar-se-ia determinante na certeza do projecto. O título de iniciados conquistado em 1996, frente ao Benfica, numa equipa que continha um futuro referencial de vitorianismo, como Moreno, dava a garantia que o caminho estava a ser bem trilhado e o Vitória estava um passo à frente dos demais.

Euro 2004 - A Reviravolta!

Entretanto, surge a candidatura de Portugal, à organização do Campeonato da Europa de futebol, 2004. Um projecto, já por muitos dissecado e analisado, sendo que uns dirão que foi frutuoso para o país e outros qualifcá-lo-ão de megalómano, dispendioso e gerador de elefantes brancos no país.

Porém, esta obra levou a que os clubes nacionais mais titulados, além de construírem novos estádios, ficassem na contingência de criar espaços onde a equipa principal treinasse, bem como os escalões mais pueris desenvolvessem a

sua actividade. Foi o advento das Academias! Academias essas que seguiram o que se fazia no Vitória, mas procuraram ir mais além. Eram mais recentes, seguiam directrizes preconizadas no estrangeiro, principalmente na afamada “La Masia” de Barcelona e procuravam responder a todas as necessidades dos atletas do futebol profissional, de modo a que entrassem às 9 da manhã e saíssem das mesmas ao fim da tarde, bem como proporcionar aos escalões jovens todo o acompanhamento necessário, inclusivamente fornecendo alojamento aos jovens de outras localidades.

Era a mudança de investimento nas infra-estruturas bem patente... deixavam-se os terrenos adjacentes aos relvados principais e deslocalizava-se a logística, seguindo o exemplo feito em Guimarães. Contudo, na nossa cidade, fruto da crescente urbanização da zona onde a Academia se encontra, de um local tranquilo os jogadores, praticamente, treinam no coração da urbe.

A Crise... Uma Oportunidade de Afirmar a Academia!

É insofismável que o Vitória viveu uma agónica crise financeira no fim da primeira década do século XXI e início da segunda. Tal obviamente poderia ter-se repercutido nas condições do, então, Complexo, que, fruto da existência de muitos “fogos” para apagar, poderia ver as suas condições degradarem-se.

Porém, seria a referida estrutura, então, também, já denominada de Academia, uma das razões da salvação do clube, que, como bem lembramos, olhou para a sua formação, quase, como bóia de salvação! Assim, na época 2012/13 nomes como Paulo Oliveira, Josué, Luís Rocha, Ricardo, Tiago Rodrigues, entre tantos outros que se seguiriam demonstrariam que a manutenção de um sustentáculo capaz de dar condições de evolução aos atletas, desde os escalões de base, era o caminho correcto. O Vitória conseguia a sua maior glória, ao vencer a Taça de Portugal, numa equipa plena de atletas



com passagem pelos corredores da, outrora, Unidade e deixava a certeza que o caminho passava pela aposta na sua Academia.

A Aposta Decisiva!

Por essa razão, 2014 traria mais um passo decisivo na reformulação e remodelação da Academia do Vitória, para recuperar o espaço perdido para os principais clubes portugueses. Assim, após a remodelação dos balneários principais aquando da criação da equipa B, foram construídos mais seis novos, bem como foram criadas cantinas e quartos destinados a alojar os jovens da formação, ao invés de os colocar em instalações hoteleiras da cidade. Estes passos seriam os primeiros de uma série de obras que continuaram até ao presente ano com a substituição dos relvados dos campos existentes, de modo a dotar de todas as condições as estruturas existentes.

E tal parece ser uma aposta decisiva na rentabilização do futuro vitoriano. Deste modo, muito recentemente, foi criada, no referido espaço, uma Sala de Estudo, chamada de “Aprender +”. Nesta, os jovens atletas terão a oportunidade de ter apoio nos seus estudos, seja no ensino básico, bem como no secundário, tendo em atenção o seu regime de alto rendimento, de selecções nacionais ou das capacidades de cada um.

Uma Outra Academia, Brevemente?

Durante o período eleitoral, Júlio Mendes referiu que a actual Academia é curta para as necessidades e as pretensões



do clube. Na verdade, o Vitória, além das equipas que já possui, prepara-se para abraçar o projecto da participação no campeonato de sub-23, bem como o futebol feminino deverá ser uma realidade a breve trecho. Refira-se que, neste quadrante, além da equipa sénior, poderão existir escalões de formação, para todas as meninas vitorianas poderem sentir a sensação de levarem o Afonso na camisola. Por essa razão, Domingos Bragança, presidente da Câmara Municipal, referiu que poderá ser construída uma nova academia, a inaugurar em 2022, ano do centenário do clube, algo que vai em consonância com o aludido pelo actual presidente do clube e vinculando a Edilidade a tal compromisso.

O Futuro Do Vitória

A história recente do Vitória demonstra que a formação terá de ser sempre a prioridade máxima do clube. Formação essa que, obviamente, será um processo que deverá estender-se até aos sub-23 e, mesmo, à equipa B. Não sendo um qualquer atleta um produto acabado, urge dar-lhes as melhores condições possíveis, sem a necessidade de os deslocalizar no espaço.

Na verdade, um clube profissional, com ambições, não pode ter os seus muitos praticantes espalhados pelos campos do concelho. Esse trabalho de aposta na base será, obviamente, o êxito do amanhã... e, num clube vendedor, em que é preciso gerar mais valias constantemente, o semear hoje será, obviamente, o colher do dia seguinte...



BREVES E INTERESSANTES

RUBRICA

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



FACEBOOK ENTRA NO NEGÓCIO DO FUTEBOL E VAI TRANSMITIR JOGOS DA LIGA ESPANHOLA

Depois de a Amazon ter anunciado que a partir de 2019 vai transmitir 20 jogos da Premier League, também o Facebook traz novidades no mundo dos direitos televisivos de futebol. A empresa anunciou que durante as próximas três épocas, os jogos da La Liga, o campeonato de futebol espanhol, vão ser transmitidos exclusivamente e de forma gratuita

na rede social para a população da Índia, Afeganistão, Bangladesh, Butão, Nepal, Maldivas, Sri Lanka e Paquistão. Os direitos televisivos da liga espanhola pertenciam anteriormente à Sony Pictures Network, que pagou um total de 32 milhões de dólares (cerca de 28 milhões de euros) para transmitir os jogos entre 2014 e 2018.

AVIÃO ESTEVE 26 DIAS NO AR

Zephyr é o nome de um avião solar da Airbus que levantou voo no passado dia 11 de julho e permaneceu no ar por 25 dias, 23 horas e 57 minutos. O avião tem uma envergadura de 25 metros e pesa 75 quilos. Tem duas hélices movidas por motores elétricos e painéis solares nas asas. Sim, está batido um novo recorde! O Zephyr S voa muito acima dos sistemas meteorológicos e aeronaves comerciais, a 70.000 pés. “As únicas aeronaves que voaram a essa altitude foram o Concorde (como avião civil), o famoso avião militar U2 e o SR-71 Blackbird”, referiu a Airbus numa comunicado de imprensa. O recorde anterior de voo sustentado foi de 11 dias, estabelecido por um protótipo do Zephyr. O novo voo ainda não foi certificado.



APPLE JÁ “ROUBOU” À TESLA 46 FUNCIONÁRIOS

Há uma “guerra latente” entre a Tesla e a Apple. São vários os funcionários da empresa de Elon Musk que se têm mudado para empresa de Tim Cook. Também é verdade que de vez em quando a Tesla tem “roubado” à Apple alguns dos seus cérebros, como foi o caso de Chris Lattner e Doug Field. Na origem desta contenda entre duas marcantes empresas mundiais poderá estar o projeto Project Titan, mas não só. A Tesla mudou o mundo, foi audaz ao ponto de se insurgir contra o poder instituído do petróleo, afrontou grandes grupos económicos e incutiu nas mentes dos seres humanos que os veículos elétricos são o futuro. Musk é sem dúvida um visionário. Para que estas empresas progridam é importante ter nas suas equipas colaboradores que são os cérebros na criação e gestão de produtos.

DOOGEE VAI APOSTAR NOS SMARTPHONES GAMING

Os smartphones dedicados aos jogos são a nova tendência deste mercado. Há várias marcas a apostar neles, como a Xioami, por exemplo, que tem no seu Xiaomi BlackShark o mais poderoso smartphone do mercado, segundo a AnTuTu. Agora é a vez da Doogee entrar neste segmento com o seu S70, que além de smartphone gaming, ainda entra na categoria dos mais resistentes. Para acoplar ao Doogee S70, a marca ainda tem desenhada uma capa gamepad. A Doogee já é conhecida pelos seus smartphones mais resistentes e agora dá mais um passo em frente.



DRONE CAI NO AEROPORTO DE LISBOA

Um drone caiu na pista do aeroporto de Lisboa, momentos depois do piloto que estava aos comandos de uma aeronave ter alertado para a presença do dispositivo que sobrevoava a zona do aeroporto. Segundo a ANA, o incidente levou à interrupção de toda a atividade aérea durante oito minutos. Esta terça-feira, a polícia identificou o dono do drone, que foi constituído arguido. A lei que fiscaliza os veículos aéreos não tripulados conhecidos como drones entrou em vigor há mais de um mês.



REDE DE TV PIRATA TINHA 500 CLIENTES E APARELHOS CHINESES ALTERADOS

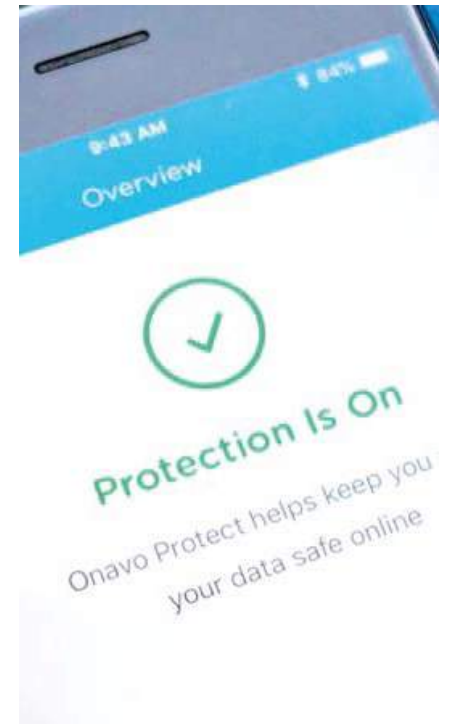
As notícias sobre TV Pirata não são propriamente uma novidade em Portugal. Ainda em julho deste ano, foram detidas, pela PJ, 16 pessoas por práticas de cardsharing. Recentemente começaram a ser julgados, no Tribunal de S. João Novo, no Porto, os alegados membros de um grupo criminoso que fornecia televisão por cabo pirateada a cerca de 500 clientes em todo o país. O

esquema funcionou entre 2011 e outubro de 2013, e toda a rede era gerida a partir de Gondomar por 15 indivíduos. Segundo informações das autoridades, os responsáveis pela rede de TV pirata conseguiram faturar, pelo menos, 100 mil euros. O CardSharing é uma técnica que consiste na partilha de um ou vários cartões de descodificação de sinal através da Internet.



CO-FUNDADOR DA MICROSOFT CONSTRUIU O MAIOR AVIÃO DO MUNDO

Todos os dias ficamos surpreendidos com aquilo que a tecnologia e a engenharia conseguem fazer. De facto, o sonho do ser humano não tem limites e à custa disso aparecem novos projetos que desafiam o conceito de inovação. O Stratolaunch, projeto aeronáutico apoiado pelo multi-milionário e co-fundador da Microsoft Paul Allen, é um exemplo perfeito da combinação de



FACEBOOK RETIRA VPN ONAVO DA APP STORE

A relação do Facebook com as questões de privacidade nunca foi pacífica. Se por um lado advoga que os utilizadores devem ter direito a estar protegidos, por outro querem recolher o máximo de informação. Uma das ferramentas que usam para recolher essa informação é a Onavo, um serviço de VPN, que pretende proteger os utilizadores. Agora, por violar as regras da App Store, esta app foi removida da loja de apps da Apple. Apesar de ser dedicada a proteger os utilizadores, a Onavo sempre foi vista como um problema de privacidade e de recolha de informação sensível. Esta app declaradamente recolhe informações sobre os dispositivos onde corre e sobre os seus utilizadores. O problema identificado pela Apple foi transmitido ao Facebook

engenho e avanço tecnológico. Trata-se de um avião gigante e espera-se que efetue o seu primeiro voo nos últimos meses deste ano. O projeto Stratolaunch começou a ser idealizado em 2011 e o objetivo era criar uma aeronave capaz de transportar mísseis e satélites até elevadas altitudes para, posteriormente, serem colocados em órbita.

QUIZ SETEMBRO DE 2018

1 – COMO SE CHAMA O TREINADOR DA EQUIPA B DO VITÓRIA SPORT CLUBE?

- a) Vítor Campelos
- b) Alex Costa
- c) Flávio Meireles
- d) Luís Castro



2 – EM QUE ANO FOI ORDENADA A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE S. PEDRO?

- a) 1737
- b) 1821
- c) 1689
- d) 1701

3 – QUE FREGUESIA COMPÕE UMA UNIÃO DE FREGUESIAS COM ATÃES?

- a) Selho S. Lourenço
- b) Rendufe
- c) Gominhões
- d) Gonça



4 – QUE ESTILO ARQUITETÓNICO APRESENTA A IGREJA DE N. SRA. DA CONSOLAÇÃO E SANTOS PASSOS?

- a) Neo-futurista
- b) Expressionista
- c) Barroco
- d) Manuelino

5 – QUE ANIMAL FIGURA NO EMBLEMA DO CAÇADORES DAS TAIPAS?

- a) Touro
- b) Veado
- c) Leão
- d) Javali



6 – QUAL FOI A MELHOR CLASSIFICAÇÃO DE SEMPRE DO MOREIRENSE NA I LIGA?

- a) 9.º
- b) 10.º
- c) 11.º
- d) 12.º

QUEBRA-CABEÇAS

1 – O FAZENDEIRO ATRAVESSA O RIO

Um fazendeiro pretende levar uma raposa, uma galinha e um saco de grãos para casa. Para chegar lá, ele precisa de atravessar um rio, mas ele pode, apenas, levar um item consigo de cada vez. Se a raposa for deixada sozinha com a galinha, ela irá comer a galinha. Se a galinha for deixada sozinha com os grãos, ela irá comer os grãos.

Como é que o fazendeiro poderá atravessar o rio sem que nada seja comido?

2 – A GAVETA DAS MEIAS

A sua gaveta de meias contém 10 pares de meias brancas e 10 pares de meias pretas. Suponha que você só pode pegar numa meia de cada vez e que você não pode ver a cor desta meia até que a retire da gaveta

Quantas meias você terá que retirar da gaveta até obter, no mínimo, um par de meias da mesma cor?

3 – A IDADE DA SUSANA

Há dois dias atrás, a Susana tinha oito anos. No próximo ano ela terá 11.

Como é que isso é possível?

Soluções quebra-cabeças
Resposta 1
O fazendeiro pode levar a galinha para o outro lado.
Primeiramente, depois, leva a raposa e deixa-a lá, voltando para a outra margem com a galinha. Posteriormente, deixa a galinha nessa margem e leva os grãos para junto da raposa, na outra margem. Por fim, volta e pega na galinha que ficou do outro lado.
Resposta 2
Três meias. Na pior das hipóteses, você terá obtido, nas primeiras duas vezes, uma meia preta e outra branca. Na terceira é certo que você retirará uma meia que forme par com uma das anteriores.
Resposta 3
A Susana deve ter nascido no dia 31 de dezembro de algum ano. Suponha que ela nasceu no dia 31 de dezembro de 2000. Isso significa que a Susana terá nove anos no dia 31 de dezembro de 2009. Suponha também que "hoje" é dia 01 de janeiro de 2010. Caso suponhamos tais factos, há dois dias atrás seria de 30 de dezembro de 2009, ou seja, ela ainda teria oito anos.

Soluções quiz: 1 - b); 2 - a); 3 - b); 4 - c); 5 - d); 6 - d).

Guimarães
Diário



MAISGUIMARAES
COMUNICAÇÃO SOCIAL

Todos os dias, às 19h00,
no facebook do *Mais Guimarães*,
toda a atualidade vimezanense.

A MINHA FORÇA ESTÁ NO MEU CONHECIMENTO



EXPLICAÇÕES | APOIO ESCOLAR | CURSOS DE LÍNGUAS

INSCRIÇÕES ABERTAS

Condições promocionais em setembro



LIGUE: **253 088 028**

guimaraes@davinci.com.pt

www.ginasiosdavinci.com

Alameda Dr. Alfredo Pimenta, n.º 264
(junto ao Pingo-Doce), Guimarães